

## A Semente

é o segundo volume do

### TEATRO COMPLETO DE GIANFRANCESCO GUARNIERI

— o grande teatrólogo que representou um marco na renovação da dramaturgia brasileira.

Os próximos volumes são os seguintes:

III — *O filho do cão; O cimento* — IV — *Arena conta Zumbi; Arena conta Tiradentes; O sim e o não* — V — *Marta Saré; As pessoas da sala de jantar; O pivete* — VI — *Animália; Castro Alves pede passagem; Flores no asfalto* — VII — *Bo-tequim; Um grito parado no ar; Gino* — VIII — *Ponto de Partida; Me dá o mote! Solidão* — IX — *Janelas abertas; Que zorra!* (inédita).

Mais um lançamento de categoria da  
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

OFICINA TEATRAL GUILHERME CARVALHO

Coordenação de Artes Cênicas  
Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre



2

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

# TEATRO DE GIANFRANCESCO GUARNIERI

## A SEMENTE

Coleção

TEATRO DE GUARNIERI

Volume 2

Direção de

FERNANDO PEIXOTO

# Teatro de Gianfrancesco Guarnieri

2

A Semente

— Peça em 3 atos —

OFICINA TEATRAL CARLOS CARVALHO

Coordenação de Artes Cênicas

Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre



civilização  
brasileira

Exemplar

É proibida qualquer representação desta peça em Teatro, Rádio, Televisão, ou sua reprodução por quaisquer meios mecânicos, no original ou em adaptação, total ou parcialmente, sem o consentimento expresso do Autor.

Capa:  
EUGÊNIO HIRSCH

Diagramação:  
LÉA CAULLIRAUX

Revisão:  
UMBERTO F. PINTO  
e MARIO ELBER CUNHA

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.  
Rua Muniz Barreto, 91/93  
RIO DE JANEIRO — RJ

1978

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

## Sumário

<i>Apresentação</i> , de Flávio Rangel	7
<i>Sobre a cenografia</i> , por Cyro del Nero	10
<i>Sobre a música</i> , por Caetano Zamma	11
<i>A Semente</i>	13
Primeiro Ato	15
Segundo Ato	71
Terceiro Ato	106

A SEMENTE estreou dia 27 de abril de 1961, em produção do Teatro de Arena de São Paulo, com direção de Flávio Rangel, tendo como assistente de direção Stênio Garcia, cenários de Cyro del Nero, música de Caetano Zamma, com o seguinte elenco e personagens, por ordem de entrada em cena: Cleyde Yáconis (*Rosa*), Nathalia Timberg (*Justina*), Júlio Prates (*Investigador*), Rosa Maria Munari (*Moleque*), Vivian Miragaia (*Manolo*), Gianfrancesco Guarnieri (*João*), Amélia Bittencourt (*Alice*), Caetano Zamma (*Mendigo*), Iema de Castro (*Velha*), Marcelo Bittencourt (*Antônio*), Leonardo Villar (*Agileu*), Juca de Oliveira (*Cipriano*), Aramys de Oliveira (*Garçom*), Iema de Castro (*Mulher do Sobrado*), Laércio Laurelli (*Delegado*), Elísio de Albuquerque (*Américo*), Nathalia Timberg (*Mãe*), Sérgio Dantas, Paulo Ribeiro e Henrique de Carli (*Homens 1, 2 e 3*), Noel Silva (*Padre*), Flávio Migliaccio e Luiz Vergueiro (*Operários 1 e 2*), Dione de Carli (*Lourdes*), Milton Baccarelli (*Gerente*), e muitos outros.

Os textos que se seguem, de Flávio Rangel, Cyro del Nero e Caetano Zamma, foram escritos à época da estréia de A SEMENTE.

## Apresentação

*A Semente*, de Giafrancesco Guarnieri, vindo depois de *Eles não usam black-tie* e *Gimba*, vem como que completar um flanco da dramaturgia do autor. A primeira das peças tratava de um conflito ético dentro de uma elementação social; na segunda havia a tentativa da criação de um drama popular e de um herói legendário; e nesta o autor parte decisivamente para a peça política por excelência, colocando o teatro como um instrumento de reivindicação social.

A permanente e humanitária preocupação demonstrada por Guarnieri em suas três peças, pelo proletariado, pela abertura e possibilidade de melhores condições de vida, atinge aqui seu mais alto grau. Não se pense, porém, que a peça é meramente tendenciosa ou doutrinária. Numa eloqüente demonstração de que esta é a sua obra mais adulta, até mesmo as idéias e os personagens contrários ao protagonista receberam os melhores argumentos.

Avulta também uma aguda observação da classe operária brasileira; uma classe que nos últimos tempos está se conduzindo praticamente sem líderes, num momento histórico em que suas reivindicações e seus gritos de protesto nascem quase que diariamente como uma explosão inadiável, como que a demonstrar que nada está bem, e não como uma conseqüência fria de cálculos políticos.

A massa é a protagonista da peça; e dela ressalta Agileu, que com uma envergadura de herói trágico luta com todas as suas forças para tirá-la da condição subumana em que vive. A

proposta de Agileu, fixo na sua eternidade, tem um ponto em comum com o berço do teatro, porque de uma certa forma ele luta contra o destino (com a diferença de que agora ele é conhecido, e portanto modificável); e essa proposta, além de uma saudável emulação, é também uma das mais precisas contribuições à galeria dos personagens da nova dramaturgia brasileira.

A felicidade do autor na fixação de seus caracteres revela uma notável dose de observação — já demonstrada em suas produções anteriores — e também um grande poder de síntese. Desfilam aqui as diversas mundividências do nosso povo; e no final da peça pode-se ver um retrato vivo do Brasil, por meio do amor de Rosa, do esperançoso lirismo de João e Alice, da perplexidade de Jofre, da confiança de Cipriano, da tragédia de Américo, das contradições dos operários, e do fascinante, complexo, magnífico personagem de Agileu.

O tratamento da peça não é realista; havia alguns elementos de “teatro total”, havia uma destacada influência cinematográfica, mas havia sobretudo uma liberdade completa no que respeita à maneira formal. Lida, a peça apresenta enormes dificuldades para a encenação, e aceitá-la era de algum modo uma disputa. A tentativa de solucionar as vinte e duas seqüências esparsas por dez cenários de maneira realista, afigurou-se impraticável. Hoje, tenho quase que certeza de que seria também um erro.

À medida que estudávamos a peça, fomos chegando à conclusão de que o espetáculo deveria ser simplificado ao extremo, e manter inalterável a flama entusiasmada e direta que animava o texto impresso. Graças à brilhante solução cenográfica de Cyro Del Nero, pudemos chegar a essa simplicidade. O cenógrafo se integrou visceralmente no texto (*A Semente* é uma idéia ao ar livre) e partimos então para a tentativa de fusão de peça-cenário-direção, para servir da melhor forma ao contexto. A solução anteriormente encontrada para *Leonor de Mendonça* foi aqui elevada à enésima potência.

Era preciso encontrar um “modo” pelo qual a peça passasse ao público em toda a sua força original, mas com uma grandiosidade, na qual se transmitisse uma certa pureza clássica.

E aqui devo dizer uma coisa final. Na formulação de um espetáculo, acredito que se pode — e principalmente que se deve — usar todo e qualquer tipo de recurso à mão. Tenho procurado isso em espetáculos anteriores e pretendo continuar assim. Nada

é concessão, se serve ao pensamento do autor; o que é preciso é fazer que a peça transmita o seu recado. Acho que se deve procurar uma simplicidade elaborada, e esquecer a sutileza. A sutileza, além de ser “um velho mal da civilização”, não serve ao teatro que é preciso fazer no Brasil, agora. De tal modo que se resulta útil misturar Copeau, Barrault, Vilar, Kazan, Planchon e finalmente Brecht e Aristóteles, o jeito é fazê-lo. Pode ser que o resultado seja uma salada; mas também pode ser uma contribuição. E só se pode ir para a frente por meio do empirismo. Creio que o artista brasileiro tem que se libertar de fórmulas e pensamentos alheios e procurar seu próprio caminho; em última análise, devemos ser nós mesmos.

*A Semente* é a tentativa mais séria que Guarnieri, Cyro e eu realizamos até agora; esperemos o resultado.

FLÁVIO RANGEL

## Cenografia

Abraçar tudo o que *A Semente* é, e encontrar uma visão unitária para dá-la ao público foi construir uma série de planos universais e cortar a profundidade do palco em fatias, sem a mínima preocupação de marcar na perspectiva convenções visuais de distância e intimidade.

Somente com Luz (a oblíqua destas verticais e horizontais!) adoçaríamos a forma.

O chão é simétrico, direita e esquerda não significam nada. Convenções de lugar se sucedem num mesmo espaço.

Somente uma Repetição: o que é Paternidade (Padre, Gerente, Polícia e a morte do Pai) acontece num mesmo espaço.

Talvez tenhamos conseguido o arcaísmo de conservar o mistério apenas entre atores e cenário; cenário veste ator, sem confidências com o público, fatias e planos não consideram o espectador uma quarta parede, mas lhe dão uma visão de pássaro mental.

Porque *A Semente* é uma idéia ao ar livre.

CYRO DEL NERO

## Música

Há cerca de dois anos nossa música popular sofre uma grande modificação — ou melhor, uma grande evolução — não apenas em sua estrutura harmônica, mas também em sua linha melódica.

Graças ao esforço de alguns compositores e intérpretes da nova geração musical, aconteceu esse movimento.

Houve muita oposição e muita crítica desfavorável no início, porém — como tudo o que é bom — o movimento superou esta difícil fase inicial.

É um movimento de gente moça, como tudo o que se refere à renovação de alguma coisa. Ora, gente moça são também Guarneri, Flávio Rangel e Cyro Del Nero, e quando gente nova se reúne, sempre nasce alguma coisa nova.

Foi assim que surgiu a idéia de a peça *A Semente* ser musicada, e logo a seguir o problema: “que música? que ritmo?”.

Conversamos e desde o início foi minha idéia fazer o que fosse o mais brasileiro possível. Daí ter optado por uma das mais puras linhas de composição de nossa música: a modinha. Assim, é a *Canção do Amor Desesperado* u’a modinha, porém atualizada, ou seja, conserva a linha melódica tradicional, mas sua harmonia é moderna.

A composição desta melodia casa-se perfeitamente com o texto, com o cenário e com a direção; daí termos utilizado apenas um tema com as variações necessárias, o que veio dar maior unidade ao espetáculo.

Foi esta, juntamente com a peça *Sem entrada e sem mais nada* de Roberto Freire, uma das primeiras experiências de música em teatro, e em ambas acreditamos ter acertado.

A orquestração foi feita por Rogério Duprat e foram usados os seguintes instrumentos: 4 violinos, 2 violas, 2 celos, 2 trompas, 1 contrabaixo, 1 fagote, 1 flauta, 1 trompete, 1 trombone e percussão.

CAETANO ZAMMA

A Semente

## Primeiro Ato

*Inicia-se a peça com um tema musical: todos os sons de uma cidade industrial. Dominam os rangidos de metal, zumbidos de serras, chiar de ferro, estrídulos de prensas. Ao final da música, permanece um apito de fábrica. Outro, logo depois, responde ao primeiro apito e outros mais em escala descendente. Com os apitos ao fundo, ainda em completa escuridão:*

VOZ DE MULHER — Man'el! Man'el! Acorda, Man'el, tá apitando!

VOZ DE HOMEM (*Mais próxima*) — Maria! Cadê minha marmitta? Tô atrasado!

VOZ DE MULHER — Tu já faz de propósito, vagabundo! Levanta e vai trabalhá!

VOZ DE MULHER — Luizinha! Corre lá, voa! O pai esqueceu a pasta, aquele avoadado!

VOZ DE MULHER — Man'el! Man'el! Acorda, Man'el, você já perdeu a hora!



VOZ DE HOMEM — Porcaria! Porcaria de hora!...

VOZ DE MULHER — Deixa de história, deixa de história, vai andando!

VOZ DE MULHER — Arranja remédio pra Didal!

VOZ DE HOMEM — Agora não adianta mais, já atrasei!

VOZ DE MULHER — Num vem com coisa, não! E se for descontado vai tê, hein... Vai tê!

*Acendem-se os refletores em resistência. Vultos se entrecruzam na obscuridade. Uns levam pastas de couro sob o braço, outros marmitas, outros, ainda, embrulhos de papel de jornal. Cresce o tema musical que se interrompe repentinamente ao grito de "Rosa", quando, então, os refletores iluminam.*

## CENA I

### CASA DE AGILEU

*Rosa ainda está afastada do ambiente, como dirigindo-se para a porta de entrada. Traz uma saca com algumas compras.*

ROSA — Cala essa boca, desgrenhada! Vai cuidá da vida de teu marido que é melhor!

*Justina aproxima-se. Como Rosa, traz um embrulho de pequenas compras.*

JUSTINA — Deixa ela, Rosa. Vamo embora!

ROSA — Essas raquíticas só querem saber de se meter na vida dos outros!

JUSTINA — O que ela tá querendo é escândalo. Vamo embora!

ROSA — Pois se quer, eu dou!

JUSTINA — Ora, pra que se rebaixá?

ROSA — Rebaixá o que! Não recebeu educação em casa, recebe do mundo... Por que não cuida do marido dela que é ladrão?

JUSTINA — Que é isso, Rosa?!

*Encaminham-se para o interior.*

ROSA — Verdade. Todo mundo sabe. Está na boca de toda gente.

JUSTINA — Mas não cria caso. Marieta é escandalosa, fica mal pra você.

ROSA — E quem manda ela vir com indiretas pro Agileu? Quem manda ela vigiá quando ele vem ou não vem?... Essa raquítica sabe mais da vida do Agileu do que eu mesma... Mas não olha o marido que é ladrão!

JUSTINA — Nem tudo que dizem é verdade, Rosa!

ROSA — Como é que não é? Vive comprando móveis, televisão, até geladeira, tudo no crédito!... Pois eu vi quando o caminhão chegou lá pra tirá as coisas. E ele nem nada: cara de anjo, olhando as coisas sair, com jeito de choro... Três dias depois, vem mais televisão, mais móvel. Ah, ladrão, ladrão no duro é o que ele é!

JUSTINA — Desgraça, Rosa... O coitado do homem trabalha até demais.

ROSA — Conversa! Se ficar na rua o dia todo fosse trabalhar! Trabalho é o meu aqui, de pé das seis à meia-noite!...

JUSTINA — Sou franca em dizê, tenho pena dessa gente. Marieta já falou em largá ele...

ROSA — E não larga de sem-vergonha que ela é! Ainda se fosse um ladrão de classe, vá lá! Mas um mixuruca desses!...

Bela droga, casamento, D. Justina! Espia aí, em cima da comôda. Esse broto era eu, pouquinho tempo de casada. Beleza que era bom, voou e não volta mais. E pra que? O que é que sobra? Quanta palhaçada!...

JUSTINA — Que o que! Um dia começa a engordá, vem um nenê e tudo muda!

ROSA — Engordá, nenê! Pois sim. Pra mim não sobra nada, Justina, nem cocô de criança. Vem a velhice, a vista encurta, o mundo desaparece. Lá se foi a cachorra e ninguém mais fala nisso. Agileu fica por aí...

JUSTINA — Ih! Está muito ranheta hoje!...

ROSA — Você alguma vez indagou?

JUSTINA — Hum?

ROSA — Perguntô alguma vez por que isso, pra que? Levantá, fazê café, almoço, arrumá a casa, prepará janta e caí na cama sem vontade de nada?

JUSTINA — A vida, ué!

ROSA — Besta, não? E nunca um tostão, nunca um nada...

JUSTINA — Duro é, mas a gente agüenta. Meu velho já tá madurão, vem aposentadoria...

ROSA — Aposentadoria!... Ah, você é diferente, Justina. Dessa idade e já com neto. Casa de vocês é alegre; nos domingo dá até inveja. Já viu bem a tristeza disso aqui?

JUSTINA — É que vocês estão sempre sozinhos!...

ROSA — Sozinhos não! Sozinha eu! O pior são esses amigos malencarados do Agileu. São eles, viu? Eles é que são os culpados.

JUSTINA — Conselho que te dou: não começa a criticá os amigos de teu marido que você acaba louca! O velho, de vez em

quando, aparecia lá em casa com cada um que eu nem te conto. Uma sujeirada!

ROSA — Agileu não era assim...

JUSTINA — Eu nem ligava. Fazia que não era comigo. E o velho mesmo acabava as amizades, sem eu dizê nada!

ROSA — Quando casei, Agileu era bem diferente. Homem meu.

JUSTINA (*Penalizada*) — Tem outra, é?

ROSA — Que outra, nada. É o jeito dele. Era meu antes, meu marido... meu homem, compreende? Era vida dura, mas vida dura os dois junto, brigando os dois pra melhorá, ter casa, crianças... Agora? Eu estar ou não estar, tanto faz pra ele...

JUSTINA — Com meu velho foi a mesma coisa. É assim mesmo, ué! Passa o tempo, acaba o fogo! Bobagem se preocupá. Conversa com ele, explica com carinho, isso...

ROSA — Explicar o que? Outra noite, ele chegou — dois dias que não aparecia — estava morto de canseira, coitado. Não tinha dormido — lá com essas coisa dele, essas reunião... preparei escalda-pé. Os pés dele estão que é uma coisa horrível, não sei o que faz que tanto anda! E, tratando dele me deu uma coisa, viu Justina, um troço esquisito... Senti um puxão por ele e abracei apertado, engasgada até. Agileu, naquela hora, era pra mim — sei lá — compensação... de tudo!... Sabe o que ele fez?

JUSTINA — Hum...

ROSA — Bateu com aquela mão grossa na minha cabeça e disse: "Olha o sentimentalismo"! Ai, o ódio que me deu! Quase que eu faço ele escaldá a cara em vez dos pé!

JUSTINA — Você precisa investigá essas reunião. Vai vê, são de saia!

ROSA — Nada! Agileu não pensa nisso. São essas maldita gente que vem rodeando ele. Também, jurei: carinho chega, nunca mais; nem que me implore!

JUSTINA — Liga não! Meu velho já teve dessas coisas e eu...

ROSA — Sabe o que mais dói? Ele nem percebe...

*Ouvem-se batidas na porta.*

JUSTINA — Virgem! Já passou da hora! (*Gritando*) Já vou, Esmeralda!... Tchau, Rosa. E não liga pra isso, não. Tudo passa na vida...

ROSA — Tchau, vai.

JUSTINA — A gente fica de conversa e esquece até da vida...

*Justina vai até a porta. Está para sair, quando entram dois homens.*

INVESTIGADOR 1 — Agileu Carraro mora aqui?

ROSA — Aqui sim. O que é que desejam?

INVESTIGADOR 1 — Ele está?

ROSA — No trabalho. Sou mulher dele, qualquer coisa eu...

INVESTIGADOR 1 (*Identificando-se*) — Polícia.

JUSTINA — Virgem nossa! Tchau, viu Rosa!

INVESTIGADOR 1 — A senhora fica.

JUSTINA — Ah, seu guarda, eu tenho o que fazer!... O leite da...

INVESTIGADOR 1 — A senhora fica. É um instante só.

ROSA — Mas o que foi que aconteceu? Agileu é um homem direito, sempre com a lei...

INVESTIGADOR 1 (*Calmíssimo*) — Vamos revistar sua casa. É melhor não interferir...

ROSA — Mas... o senhor precisa explicar!

INVESTIGADOR 1 — No Departamento a gente explica. Com sua licença...

*Os homens começam a vasculhar tudo.*

INVESTIGADOR 2 — E esses livros?

INVESTIGADOR 1 — Leva tudo!

ROSA — Mas que é isso? Assim também não, são coisas dele!

INVESTIGADOR 1 — Do seu marido?

ROSA — Claro que é!

INVESTIGADOR 1 — Ótimo. Você é quem disse.

ROSA — Pois sou eu que digo mesmo! Vocês não podem invadir a casa da gente assim!

JUSTINA — Virgem Maria!

ROSA — Virgem o que! Eu não vou deixá, não! É um país livre esse!

INVESTIGADOR 1 (*Segurando Rosa*) — Você vem com a gente.

ROSA — Mas por quê? Por causa de que?

INVESTIGADOR 1 (*A Justina*) — A senhora pode ir cuidar do seu leite.

ROSA — Mas me diz por causa de que! Ai que vergonha, meu Deus! O que foi que eu fiz? O que foi que Agileu fez?

INVESTIGADOR 2 — Chega de bronca, vamo embora!...

ROSA — E o senhor me respeite. Não sou nenhuma vagabunda!

INVESTIGADOR 1 — É melhor não se alterar... Faça o favor!

ROSA — É o cúmulo! É o cúmulo! (*Saindo.*) Invadem tudo, remexem tudo! Mas vai ter de explicar! O que foi que eu fiz, hein? Que foi que eu fiz... Tira a mão de mim... O que foi que eu fiz!

*Justina sai também, indo ao centro do palco.*

JUSTINA — Dalva!... Jurema!... D. Antônia!... Lurdes!...  
Levaram Rosa presa. Ai que coisa horrível! Foi agora, agora, agora. Mais de vinte homens, quebraram a casa toda. Uma brutalidade que eu nem conto... Fiz tudo pra evitá, eu! Mas que jeito!? Levaram ela que nem mulher perdida... Bem dizia Rosa, foi essas coisa do Agileu, besteira de política. Ai que já não se pode morá sem susto!... Bem digo eu pra meu velho todo o dia, todo o dia eu digo: vamo se mudá! Vamo se mudá!...

*Música tema em B.G. — Escurece em resistência.*

VOZ DE MULHER — O que é que houve no 78?

OUTRA MULHER — Polícia!...

PRIMEIRA MULHER — Briga, é?

VOZ DE JUSTINA — Foi D. Rosa, coitada! Saiu que parecia mulher perdida!

OUTRA MULHER — Ouviu, Zuzu? Prenderam a Rosa!

OUTRA MULHER — Gente sem religião é o que dá!

VOZ DE JUSTINA — São esses negócios do Agileu. Eu sempre disse que não dava certo.

*As vozes das mulheres se confundem num matraquear rítmico.*

MULHERES — Foi Rosa

Agileu

Prenderam

Bem feito!

Eu disse...

Foi briga?

Política!

Reunião...

Polícia...

Meu Deus...

Os meninos na rua!

Foi Rosa

Agileu

Comunismo

Reunião

Agileu

Foi Rosa

Prenderam

Comunismo

Comunismo

Comunismo

VOZ DE HOMEM — Vamo pará com esse berreiro que eu quero dormí.

VOZ DE MULHER — Dorme de noite, vagabundo!

*Pausa.*

VOZ DE MULHER — Francisco! Vem tomá banho!

## CENA II

### DEPÓSITO DE LIXO

*Descampado. Urubus pousados sobre os detritos. Barris de óleo abandonados. Uma velha e enferrujada carcaça de ônibus. Alguns mendigos procuram restos de comida aproveitáveis. Seu aspecto é esquá-*

*lido. Há fome e doença em seus rostos. A mais repugnante miséria. Um grupo de molecotes surge ao fundo. Dois deles aproximam-se, correndo.*

MOLEQUE 1 — Corre, Manolo! Vem, diabo!

MANOLO — Tem muito urubu!

MOLEQUE 1 — A gente espanta. Atira pedra! Vai, atira!

MANOLO — Cadê as pedra?

MOLEQUE 1 — Procura aí, moleza!

MANOLO (*Amedrontado*) — Eu vou embora!

MOLEQUE 1 — Ô trouxa! Não tem nada, não. Vê!

*Atira uma pedra sobre os urubus. As aves nem se mexem, pesadonas.*

MANOLO — Viu só? Não pode espantá, não. Vamo procurá na feira!

MOLEQUE 1 — Feira nada, aqui é que tem tudo. Quer vê só? (*Pula no meio do lixo, rindo.*) Vem cá, medrosão!

MANOLO — Eu não!

MOLEQUE 1 — Frescalhão!

MANOLO — Frescalhão é a mãe!

MOLEQUE 1 (*Descobrimdo alguma coisa*) — Rapaz! Manja só! Vem vê, vem vê!

MANOLO — Pensa que eu sou bobo, é?

MOLEQUE 1 — Sério, velho. (*Mostrando.*) Ó! Um trem!

MANOLO — Trem!

MOLEQUE 1 — Trem, rapaz, com roda e tudo! Manja só!

MANOLO — Traz aqui.

MOLEQUE 1 (*Fazendo rodar os dois vagões de um trenzinho de brinquedo que encontrou no lixo. Imitando apito de trem*) — Piuiiiuuu! Piuiiiuuuuu!

MANOLO (*No auge da admiração*) — Faz avião! Faz avião!

MOLEQUE 1 — Num tem asa. Piuiiiuuuu!... Piuiiiuuuu!...

MANOLO — Empresta pra mim!

MOLEQUE 1 — Vai lá buscá. Tem mais!

MANOLO (*Choroso*) — Ah, num faz sujeira! Empresta pra mim!

MOLEQUE 1 — Empresto nada. Vai lá buscá!

MANOLO — Sujo! Seu me'da!

MOLEQUE 1 — É a mãe!

MANOLO (*Chorando*) — Empresta o trenzinho!

MOLEQUE 1 — Piuiiiuuu!... Piuiiiuuuu!... Baaah! Buuummm!... Desastre! (*Imitando sirene.*) Fooonnnnooonnnfooonnn! (*Como quem irradia.*) Muitos cadav'res no desastre dos trens! Chegô a assistência e levô os feridos pro Hospital das Crínica!... Fooonnnn!

*Manolo foi até o monte de lixo. Medroso, procura o seu trem. Outros meninos catam comida perto de Manolo. Os mendigos estão comendo sentados junto aos urubus.*

MANOLO (*Com medo das aves e desapontado por não encontrar seu trem*) — Cadê o meu trem? Mentiroso, num tem trem nenhum! Burro!... Cadê meu trenzinho?

MOLEQUE 1 — Piuiiiuuuu!... Pacatac-pacatac-pacatac... Fífff!... Sch... Schschch!... O único trem do mundo!

MANOLO — Tu vai vê! Vou te mostrá só!... Num te dou mais nada, nunca mais!

MOLEQUE 1 — Efffffffff! Toc-toc, toc-toc!...

MENDIGO — Dá um vagão pro garoto!

MOLEQUE 1 — Num vem se metendo, não!

MENDIGO — Dá um pro menino!

MOLEQUE 1 — Num vem com onda!

MANOLO (*No meio do lixo, apavorado*) — Me tira daqui! Me tira daqui!

VELHA — Vem cá, chorão. Vem!

MANOLO — Num vô!

MENDIGO — Vou te tirá os dois.

MOLEQUE 1 — 'sprimenta!

MENDIGO — Pois é já!

MOLEQUE 1 — Vem, aleijado, vem!

*O homem procura perseguir o moleque, mas as pernas não lhe permitem. Mal consegue caminhar erecto. O menino agachado, fazendo os vagões rodarem pelo chão, sai em disparada.*

MOLEQUE 1 (*Saindo*) — Piuiiiuuuuu!... Piuiiiuuuuu!

MENDIGO (*Desistindo da perseguição, dirigindo-se a Manolo*) — Num faz mal, não, guri — tudo se arruma. (*Vai para o meio do lixo. Recolhe pedaços de lata, arame, tampinhas de cerveja e, num relance, improvisa um carrinho.*) Toma. Teu trem...

MANOLO (*Alegre, examinando o novo brinquedo*) — Tem até os número!

*Ao fundo, surge Agileu. Fica espreitando. Parece esperar alguém.*

MENDIGO — Agora vai brincá pra lá. Sai do lixo.

MANOLO — Dá pra pôr umas asas no trem?

MENDIGO — Vamo vê. (*Pega a lata, com muito jeito, amarra transversalmente, com arame, um pedaço de madeira.*) Pronto. Tá aqui a asa. Virô avião!

MANOLO — Oba!... Brrrrrruuuuuuuuuuuuuuuuuu! (*Sai correndo segurando acima da cabeça a lata-avião.*)

MENDIGO (*Gritando para o menino*) — Você não está com fome?

MANOLO — Já passô!... Fooooonnnnnnn! (*Imitando metralhadora enquanto faz o avião dar um mergulho.*) Tá-tá-tá-tá-tá... (*Desaparece ao fundo.*)

VELHA — Agenor, arruma um pito.

*O que é chamado de Agenor remexe nos bolsos e tira uma "bia" de cigarro que dá à velha.*

ANTÔNIO — Toma. Meu nome é Antônio.

VELHA — Ocê tem cara de Agenor. Igualzinho a ele.

ANTÔNIO — Meu nome é Antônio.

*Manolo aparece ao fundo correndo com o seu avião.*

VELHA — Olha só a alegria do moleque!

MENDIGO — Ele é capaz de se cortá na lata.

ANTÔNIO — Criança tem anjo-da-guarda parrudo!

VELHA (*Apontando Agileu que se entrevê ao fundo*) — Quem é aquele?

ANTÔNIO — Lá sei! Um cara qualquer.

MENDIGO — Tá com jeito de “pronto”!

ANTÔNIO (*Chamando com um gesto*) — Psiu! Amigo! Ô, Amigo!

AGILEU — Que que há?

ANTÔNIO — O amigo tem um cigarro inteiro que possa me arrumá?

AGILEU — Não fumo.

ANTÔNIO — Pois olhe que faz bem. Cigarro é um troço que, devagar, devagar, acaba matando um sujeito...

MENDIGO — O amigo tem uns trocado que pudesse me arranjá?

AGILEU — Também não. Estou liso!

MENDIGO — Num pense que é por nada, não. Eu num bebo... Era p'r'um cafezinho...

AGILEU — Vocês estão sem trabalho?

VELHA (*Rindo*) — Que trabalho, moço?... A velha aqui já tá nos sessenta e oito! A vista já não anda, as perna tropeça... Mas vai-se indo. Trabalhei muito já. Agora é agüentá as férias!

AGILEU — A senhora mora aqui?

VELHA — Por aí, meu filho... Vai-se vivendo da caridade...

ANTÔNIO — Bom, vamo caminhá... Até logo, gente...

MENDIGO — Eu vou junto!

VELHA — Até logo, Agenor!

ANTÔNIO — Meu nome é Antônio!

*Os dois homens se afastam, passos trôpegos. Brincam com os moleques que fazem algazarra.*

AGILEU — A situação está bem ruim, hein, avó?!

VELHA — A gente acostuma.

AGILEU — Pois não devia acostumá!

VELHA — Que jeito!... Um dia a gente fecha os olho e tudo acaba. O negócio é está com Deus!

AGILEU — Negócio melhor é ter onde comer e onde dormir!

VELHA — A gente sempre se arruma...

AGILEU — Em meio de urubu, fuçando no lixo, debaixo de ponte?

VELHA — A gente se acostuma. Aquele lá — o aleijado que saiu com o Agenor —, aquele eu conheci nos bons tempos. Era trabalhadô, tava numa fábrica de cartonage, é cartonage, não é? — Se meteu num negócio bobo e ficô assim.

AGILEU — Que negócio?

VELHA — Lá sei eu direito! Diz que ficô doente do pulmão. A fábrica tava pagando um tanto pra ele por mês, até sará. Mas aí, sabe como é que é! — apareceu um sujeito dizendo que era do Instituto, coisa e lousa... Resultado: convenceu ele a fazê processo pra indenização. Ele fez, n'é! Ganhô duzentos contos! Mas o negócio é que o tal sujeito do Instituto tava de combinação com um advogado — esse advogado é até vereadô aí no A.B.C. Bom, pra encurtá, o advogado ficô com oitenta conto. Pro pobre sobraram cento e vinte. Agora, 'ocê pode fazê a conta: cento e vinte conto pra vivê e pagá remédio... Num durou nem ano e pouco. Chi! O coitado ficou num desespero. A filha largô dele, foi morá com um garçom!... A mulher, coitada, já estava mesmo que não podia... morreu faz poucos mês... Mas ele foi

se acostumando. Hoje tá que nem liga. É sim; baixô a desgraça, primeira coisa que some é a vergonha!

AGILEU — O pior é que todo mundo se conforma!

VELHA — Foi sempre assim, meu filho! Desde que o mundo é mundo. Uns têm demais, outros de menos. Deus sabe o que faz!

AGILEU — Não fala mal de Deus! Um dia isso muda, vovó! E quanto mais depressa, melhor!

VELHA — Quer saber? Eu por mim ficava bem contente se amanhã, lá debaixo do pontão, não acordasse mais. Eu já vivi o que devia. E se pecado se desconta no mundo, 'tou limpa que nem santa! (Ri.) Ah, moço! Vá tratar de sua vida, vá. Esquece isso!

*A velha levanta-se e, acenando para Agileu — cabelos brancos, revoltos, soltos ao vento —, afasta-se. Os moleques que passeiam como sombras em meio ao lixo, param para vê-la passar. Um deles atira-lhe uma pedra. Todos riem.*

AGILEU — Que é isso, moleque!

MOLEQUE 2 — Ah, vai andá, vai!

*Agileu passa a mão pelo rosto. Senta-se em um dos tonéis de óleo. Surge Manolo com o seu avião.*

MANOLO — FOOOOON... BRRRRRRR... Tá-tá-tá-tá-tá!

*Os moleques cercam Manolo que pára assustado. Agarra o brinquedo com força apertando-o contra o peito.*

MANOLO — Deixa eu, hein?!

MOLEQUE 2 (*Imitando-o, aproximando-se dele seguido pelos outros*) — FOOOON!... Tá-tá-tá-tá!

MANOLO — Num quero sabê disso, não!

MOLEQUE 2 (*Aproximando-se com um grupo cada vez mais*) — Tá-tá-tá-tá-tá!

MANOLO (*Fugindo deles*) — 'ocês vão vê! 'ocês vão vê! (*Perseguido.*) Mãe!... Mãe!... Mãe!...

*Ouve-se a risada dos moleques que desaparecem perseguindo Manolo. Agileu vencido pelo cansaço recosta-se no tonel. Escurece, enquanto se ouve:*

VOZ DE HOMEM — Agileu! Agileu Carraro!

VOZ DE MULHER — Vinte anos de lutas tem Agileu!

VOZ DE HOMEM — Agileu? Agileu é de ferro!

VOZ DE MULHER — É de aço. Frio, frio, frio!

VOZ DE HOMEM — Agileu! Agileu Carraro...

VOZ DE MULHER — Ai, Agileu!...

VOZ DE HOMEM — Agitador!... Homem sem fé!... Sem princípios!

MULHER — Frio! Frio! Frio!

VOZ DE HOMEM — Homem valente. Lutador de raça. Líder... Compacto!

MULHER — Ai, Agileu!

VOZ DE HOMEM — É cruel! Insensível!...

MULHER — Frio! Frio! Frio!



HOMEM — Camarada Agileu!

VOZ DE HOMEM — O companheiro Agileu, de hoje em diante,  
é o secretário político de nossa base!

TODOS — Boa!

HOMEM — Impulsivo!

OUTRO HOMEM — Orgulhoso!

OUTRO HOMEM — Individualista!

OUTRO HOMEM — Indisciplinado!

MULHER — Frio! Frio! Frio!

HOMEM — Comunista!

MULHER — Operário!

HOMEM — Lutador valente!... Nosso irmão. Nossa esperança!

MULHER — Minha desgraça!

HOMENS — Nossa certeza!

MULHER — Não é pai!

HOMEM — Lutador valente. Nosso irmão. Nossa esperança!

MULHER — Um cego!... Sem nervos!

HOMEM — É feito de ódio!

MULHER — Ai, Agileu!

HOMEM — O que a gente faz, Agileu?

HOMEM — E agora, Agileu?

HOMEM — Você não sabe, Agileu?

HOMEM — Uma solução, Agileu!

HOMEM — Por favor, Agileu!

MULHER — Frio! Frio! Frio!

HOMENS — Agileu!... Agileu!... Agileu!...

*É noite. Do fundo surge um homem vestindo um blusão de couro. Espreita em todas as direções. Sussurra baixinho, medroso:*

CIPRIANO — Agileu!... Agileu!...

AGILEU — Hum?... Cipriano?

CIPRIANO — Cadê você?

AGILEU — Aqui... (*Levanta-se.*) Até que enfim. Pensei que não viessem mais.

CIPRIANO — Foi difícil. Eles estão de olho na gente. Tive de dar uma porção de voltas para despistar...

AGILEU — Você, por acaso, tem um comprimido aí?

CIPRIANO — Não... As coisas ficaram feias, viu?

AGILEU — A cabeça está estourando!

CIPRIANO — Eles prenderam tua mulher...

AGILEU — Rosa? Ai, ai, ai!

CIPRIANO — Parece que ela se comportou bem!

AGILEU — Pobre da velha!

CIPRIANO — O pessoal do Regional já está se mexendo. Amanhã ela está solta!

AGILEU — Bom. E na fábrica?

CIPRIANO — Deu pânico em alguns... O João não quer mais nada.

AGILEU — Qual João?

CIPRIANO — Aquele mocinho que recrutamos o mês passado... É a velha história, mulher esperando criança, medo de encrenca, de ser demitido... Influência pequeno-burguesa!

AGILEU — Uma conversa! Medo no duro é o que é. E vocês o que fizeram?

CIPRIANO — Ele conversou com o Jofre. A orientação é deixá passar esse bolo e falá com o menino depois.

AGILEU — Bom. Quer dizer que, no mais, está tudo parado?

CIPRIANO — Estamos esperando o assistente do "CR". Mas o pessoal já começou a fazer autocrítica. A opinião de todo mundo é que a distribuição do jornalzinho foi precipitada. A gerência já estava de olho e... deve ter dedo-duro! A polícia já está atrás dos membros do Comitê... Dizem que lá na fábrica eles conhecem mais da metade!

AGILEU — Dizem, não é? Que beleza!

CIPRIANO — O Jofre também acha que você se precipitou!

AGILEU — Precipitou... Precipitei uma pinóia. Então vamos ficar esperando de braços cruzados, só cobrando mensalidades, campanha de finanças? Não, meu velho, a hora é de agir... Me dá uma irritação isso! Precipitou! Então não estão vendo que nunca houve tantas condições pra se fazer um movimento de massa em grande escala? O pessoal todo está consciente. Estão aí, boca aberta, esperando que alguém faça alguma coisa! Pois vamos organizar essa gente! Se tem dedo-duro, tanto pior. Sempre disse que precisava ter mais vigilância... Mas não! Querem recrutar por atacado! Daqui a pouco recrutam o Pena Boto!...

CIPRIANO — Precisa reforçá o Partido, camarada, principalmente na classe operária!

AGILEU — Larga as fórmulas, companheiro! Pensa com tua cabeça; mal não faz! Mas, em conclusão: pararam todo o trabalho!?

CIPRIANO — O pessoal acha que não tem mais condição!

AGILEU — Ah, não tem? E por que é que não tem?

CIPRIANO — A turma assustou!...

AGILEU — Ora, faça-me um favor! Então esse pessoal que já enfrentou metralhadora vai se assustar agora por causa de cinco tiras! Não diz bobagem, Cipriano!

CIPRIANO — É a opinião da direção!

AGILEU — E a da base, qual é que é?

CIPRIANO — A mesma!

AGILEU (*Irônico*) — Não diga! Quando é a reunião com o Regional?

CIPRIANO — Eu não posso... quer dizer... não estou autorizado a...

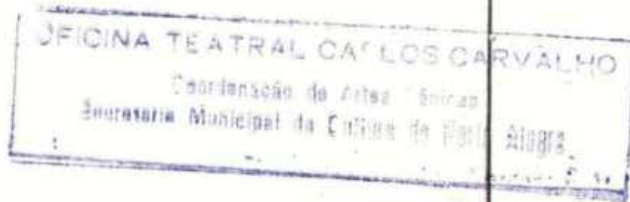
AGILEU — Eu tenho de ir, não tenho!?

CIPRIANO — Tinha. Agora mudaram as condições!

AGILEU — Claro, claro, mudaram as condições!... Ora, Cipriano, tenho vinte anos de Partido, deixa de ser vigilante quando não precisa.

CIPRIANO — Agora precisa. Se eles te pegam, ninguém sabe o que pode acontecer!

AGILEU — Peguem ou não peguem, eu tenho de ir. É importante, infeliz! Você não está vendo que se a gente pára o



trabalho agora, a gente perde a maior oportunidade que já se teve de organizar esse pessoal?

CIPRIANO — Pode deixá que eu falo isso na reunião!

AGILEU — Eu preciso estar lá. E urgente que eu fale com os companheiros do Regional!

CIPRIANO — Tá me subestimando, Agileu?

AGILEU — Olha, Cipriano, talvez esteja mesmo. Me dá o ponto.

CIPRIANO (*Ofendidíssimo*) — Num posso. Você tá ilegal!

AGILEU — E o camarada do “CR” tá legal por acaso?

CIPRIANO — Responsabilidade dele.

AGILEU — Eu assumo toda a responsabilidade. Me dá o ponto.

CIPRIANO — Me desculpe, mas não pode ser!

AGILEU — Cipriano, você sabe muito bem. É sempre assim. Pode demorar, mas a gente sempre acaba descobrindo o que devia ter feito e não fez. E eu, nesse dia, vou te responsabilizar por esse recuo idiota. Vê bem!

CIPRIANO — Estou te entendendo, Agileu. Mas eu não posso. E se eles te pegam agora, te amassam de pancada e você fala? Ninguém está livre disso. É melhó pra você ficá de fora. Me entende, vai!

AGILEU — E eu lá quero saber de mim? Sei só que o pessoal na fábrica não agüenta mais. Que nunca distribuimos tantos jornais! Nunca! Nunca se discutiu tanto pelos cantos. E era cara de massa que chegava pra mim pedindo solução: “Então, seu Agileu, o que se faz? Como é que é?” — E quando aquele garoto perdeu o braço na máquina, só faltou quebrarem tudo! E você estava lá, não vai me dizer que não! E naquela hora, como não tinha nenhum assistente falando em precipitação, você queria deixar quebrar! Queria ou não queria? Vá, diz?

CIPRIANO — Foi no entusiasmo!

AGILEU — Pois é, no entusiasmo... Política, meu velho, se faz com cabeça fria. Chega de conversa, me dá o ponto!

CIPRIANO — Eu... eu marco um ponto separado contigo.

AGILEU — Então marca, infeliz!

CIPRIANO — Seis e quinze, amanhã. Na esquina da igreja.

AGILEU — Tá. E agora, eu?

CIPRIANO — Hoje você dorme na casa desse companheiro aqui. (*Entrega-lhe um endereço.*) É um intelectual!

AGILEU — Vê lá se é um picareta!

CIPRIANO — Não. É um camarada responsável.

AGILEU — Tá bom. Amanhã, então, às seis e quinze...

CIPRIANO — Em ponto.

AGILEU — Se eu não estiver, faz a pista.

CIPRIANO — Me compreendeu, não é?

AGILEU — Você é sectário, mas é bom.

CIPRIANO — Eu é que sou sectário!

AGILEU — Vai embora, vai... Cuida do caso de Rosa com carinho.

CIPRIANO — Já estão cuidando. Ah, olha! Tem uma notícia bem chata! O filho do Américo tá pra morrer.

AGILEU — Infecionou?

CIPRIANO — Foram amputá o braço e parece que num agüenta... Sabe como é, sangue fraco, mal alimentado...

AGILEU — E é agora que vocês querem parar?

CIPRIANO — Como?

AGILEU — Se o garoto morre, a gente levanta a classe operária toda! Isso precisa de uma demonstração monstro!

CIPRIANO — Num morreu ainda, Agileu. Tá pra morrer!

AGILEU — Por isso mesmo! Morreu, sai protesto. Passeata, movimento de rua!

CIPRIANO — Você é frio, Agileu!

AGILEU — Não é chorando que se faz revolução!

CIPRIANO — Amanhã, às seis e quinze.

AGILEU — Às seis e quinze.

*Cipriano sai. Longe, um cachorro late. Agileu acende um fósforo para ler o endereço no pedaço de papel que queima logo depois. Como sentindo-se sufocar, enfia dois dedos procurando desapertar o colarinho. Logo comprime a cabeça entre os braços, mãos entrelaçadas atrás da nuca. Manolo surge ao fundo, esfregando os olhos e chorando.*

MANOLO — Po'caria!... Po'caria!... Ahnnnn!... Ahnnn!...

AGILEU — Então, meu camarada, o que é que foi?

MANOLO — Aqueles me'da! Tiraram meu aviãozinho... meu aviãozinho que o moço fez...

AGILEU — A gente consegue outro...

MANOLO — Quero aquele... Po'caria!

38

AGILEU — Que é isso! Um homão desse chorando?

MANOLO (*Fica fungando*) — Tô com fome!

AGILEU — Onde é que você mora?

MANOLO — Por aí...

AGILEU — Hum. Você quer comer?

MANOLO — Quero. Tô com fome.

AGILEU (*Entrega-lhe uma nota*) — Toma aqui. É o que eu tenho, vai comer.

MANOLO — E pr'ocê?

AGILEU — Eu... eu tenho casa... Vou jantá agora!

MANOLO — Vamo jantá junto?

AGILEU — Hoje... hoje eu não posso. Vai, vai comer!

MANOLO — Meu aviãozinho! E o pió é que eles amassaram ele com os pé!

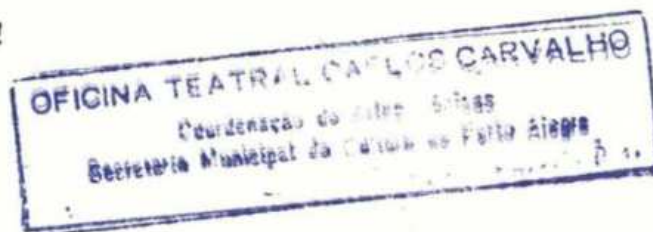
AGILEU (*Cedendo ao impulso*) — Dá um abraço em mim, dá! (*O garoto estende-lhe os bracinhos magros.*) Um dia... um dia te dou todos os aviões do mundo! Prometo.

*Agileu, abraçando o menino, levanta-o, sem curvar-se, ficando suas cabeças no mesmo nível. Apagam-se as luzes.*

### CENA III

*Praça da igreja: igreja ao fundo. Sobrado. Bar. Alice, parada no centro da praça, maleta no chão. Olha sorrindo em todas as direções. Consulta o relóginho de pulso. Cruza os braços acarinhando-se, pois faz muito frio.*

39



*Agileu surge junto à igreja. Também consulta o relógio. Veste capa de chuva e chapéu. João aproxima-se correndo. Traz uma maleta também.*

JOÃO — Alice!... Ufa! Puxa vida, atrasei! Foi o trem, viu! Como é?

ALICE — Tudo bom.

JOÃO — Agora vão pará as broncas, não é?

ALICE — Já pararam. Tá com o endereço aí?

JOÃO — Deve tá aqui. *(Remexe os bolsos.)*

ALICE — Vai vê que esqueceu!

JOÃO — Esqueci nada... Éh-êh, marcação!... Tá aqui, ó! *(Tira um recorte de jornal e um recibo do bolso.)* Com recibo e tudo.

ALICE — É por aqui mesmo?

JOÃO — Pertinho da igreja como você pediu.

ALICE — Pedi nada. Eu disse que gostava se fosse.

JOÃO — Pois é, então! Deu sorte e conseguimos um bem perto da igreja...

ALICE — É! Mas não vem dizendo que eu pedi, não. Até parece que eu vivo pedindo as coisas... A gente mora onde tivé lugá!

JOÃO — Pois então! Arranjamos aqui, melhó pra gente... Mulher grávida fica ranheta, não?

ALICE — Estúpido! Vamo lá, vai!

JOÃO — Acho que tá cedo ainda.

ALICE — Então por que marcou às seis?

JOÃO — Pra dá tempo, ora!

ALICE — Mas se tá cedo?

JOÃO — Alicinha, não vem com coisa!...

ALICE — Já vi que vamo perdê o serviço...

JOÃO — E se perdê?! Será que a gente não pode nem fazer mudança?

ALICE — Eu não posso faltá!

JOÃO — Vamo tomá um café ali no bar, vai!

ALICE — Vamo.

JOÃO — Aposto que tá em jejum ainda.

ALICE — O que é que você queria, que além de tudo eles me dessem café?

JOÃO — E podia dá mesmo. São teus tio, não são?

ALICE — Os coitados já tiveram bastante prejuízo com a gente. Eu não gosto de chateá ninguém!

JOÃO — É, mas isso não pode não. Se você não se cuida, o moleque nasce uma lesma aí. Todo mole!

ALICE *(Rindo)* — Mole ele nasce mesmo...

JOÃO — Mole tá bom, mas não mole! Mãe fraca, criança fraca... Quer com leite? *(Ao Garçom.)* Um pingado pra ela e um cobertor de pobre pra mim.

GARÇOM — Casado ou solteiro?

JOÃO — Solteiro mesmo. *(O homem serve.)* Você precisa se cuidá, Alice. Pode deixá que disso eu tomo conta...

ALICE — Assustado!... Brr!... Tá quente!

JOÃO — Bom pro frio... Puxa, tô contente à beça, Alice. Esse negócio de você lá e eu aqui num tava bom, não.

ALICE — Eu que o diga.

JOÃO — A senhora vai deixá a fábrica na semana que vem.

ALICE — Deixa de bobagem. Gravidez não é doença, não.

JOÃO — Não é doença mas precisa ter cuidado...

ALICE — Você fica todo cheio de dedos. Não precisa nada disso. O médico falou: ter criança é a coisa mais normal do mundo. Não precisa ter medo, não precisa fazer nada. Chegou a hora, nasce e pronto!

JOÃO — Esse médico aí tá me parecendo é meio vigarista!

ALICE — Num diz bobagem, você é turrão, João! Pergunta só pra Dirce! Num sentiu nada, nada. Era respirá e soltá... Ela me disse que a criança tava nascendo e ela rindo!... É uma beleza!

JOÃO — Beleza você vai ver se não tomar cuidado.

ALICE — Você é reacionário, isso é o que é!

JOÃO — Você nem sabe o que é isso, fica falando!

ALICE — Sei mais do que você pensa. E se você continuar mentendo o pau no médico eu falo com o doutor. Aí você vai ver a bronca que leva. Marido é pra ajudá, não é pra atrapalhar, não... E esse negócio da gente fazê força e vocês lá fora bancando o nervoso, vai acabá também, viu...

JOÃO — Calma!... Ufa!... O médico explicô por que vocês ficam ranheta?

ALICE — Explicou sim. É quando tem marido besta!

JOÃO (*Abraça-a rindo*) — Ah, gostosa! Vamo vê o quarto, vai! (*João paga. Vai para sair.*) Epa, espera aí!

ALICE — O que foi?

JOÃO (*Apontando Agileu*) — Aquele cara ali.

ALICE — O que é que tem?

JOÃO — É lá da fábrica. A polícia andou atrás dele... Negócio de política...

ALICE — E o que é que você tem com isso?

JOÃO — Nada... Eu não quero que ele me veja. Andei metido com eles uns dias e depois dei o fora...

ALICE — Você sempre inventando complicação.

JOÃO — Mas que complicação! Foi coisa de uns tempos só. Já dei o fora, pronto.

ALICE — Se deu o fora, por que está com medo que ele te veja?

JOÃO — Não se irrita, olha a criança!... Eu não quero falá com ele... Esse pessoal é muito perguntador: "Por que saiu? Pensa bem!... Precisa lutá!" Você sabe como é que é.

ALICE — E você nem me conta nada?

JOÃO — E precisa contá?

ALICE — Ah não! O marido da gente vira comunista e a gente nem sabe?

JOÃO — Que "ista" o que!

ALICE — Então o que é?

JOÃO — Entende, barrigudinha, entende! A polícia está atrás dele Polfícia política que é pior, tudo americano! Eles vê a gente falando com ele é cana na certa!

ALICE — Já vi que o moleque vai nascê no xadrez!

JOÃO — Tá vendo! E por isso que eu não gosto de contar nada. Você não pode se preocupar, não tem razão pra se preocupar! Vê mais um pingado aí!

ALICE — Você arranja complicação e ainda vem gritá?

JOÃO — Ah, toma o seu café!

*Agileu avançou alguns passos. Aproxima-se de Cipriano.*

CIPRIANO — Ei, Agileu, vamo embora!

AGILEU — Seis e quinze em ponto, hein?

CIPRIANO — Os companheiros disseram pra ter todo o cuidado.

AGILEU — O que, virei traidor agora?

CIPRIANO — Deixa de bronca, vem comigo.

AGILEU — A que horas é a reunião?

CIPRIANO — Daqui a pouco. Longe daqui!

*Os dois se afastam.*

JOÃO — Já foram. Vamo vê o quarto. *(Deixa uma gorjeta.)*

GARÇOM — Caixinha, obrigado! *(Saem do bar.)*

ALICE — Você andou muito tempo com eles?

JOÃO — Não. Assisti umas reunião só...

ALICE — Quantas?

JOÃO — Umas três ou quatro...

ALICE — Reunião pra que?

JOÃO — Pra discuti as coisa...

ALICE — Discutir o que?

JOÃO — Ah, Alice, você enche, hein?!

ALICE — A gente não pode nem conversar?

JOÃO — Conversar tá certo, mas fica aí: quantas, por que, o que foi... Ah, tem dó!

ALICE — Tá bom, meu filho, dane-se! É aqui o quarto?

JOÃO — Não, é no Japão!

ALICE — Bem que dizem: casô, fedeu!

JOÃO — Casô porque quis.

ALICE — De burra!

JOÃO — É o que eu digo! *(Bate palmas.)*

MULHER *(Falando do sobrado)* — Que é?

JOÃO — D. Faustina, é aqui?

MULHER — É sim.

JOÃO — Ela está?

MULHER — Está sim, mas não pode atender. Faz três dias que não consegue saí da cama. É um tal de uriná que nunca se acaba. O médico diz que é dos rins, o senhor quer falar com ela?

JOÃO — É por causa do quarto que tem pra alugá.

MULHER — Não é quarto, não. É vaga. Vaga pra casal!

ALICE — Ah, é vaga?

JOÃO (*A Alice*) — E lamba os beijos! (*À Mulher.*) Pois é!

MULHER — Mas já tá ocupada.

JOÃO — Como ocupada?

MULHER — Um mocinho que tratou com a Faustina, já alugô!

JOÃO — Mas o mocinho sou eu, minha senhora!

MULHER — Então, por que não fala logo? Entra aí!

*Os dois obedecem. Enquanto sobem:*

MULHER — Eu disse pra Faustina me explicá os negócios da casa. Mas ela nada, só quer tudo na cama. Comida, tudo... E a gente que se arranje... Cuidado aí, moça, o corrimão tá solto! Chi! Faustina não gosta de criança pequena em casa... Eu acho que vocês vão ter de se mudar logo! (*Mostrando a vaga, estreita, caminha de solteiro a um canto.*) Pronto. É aqui. O que se podia arrumá. Afinal de contas, hoje em dia, não se encontra lugar nenhum por esse preço. Se quisé cama de casal é só comprá. A gente dá um jeito de cabê... Bom, tá entregue. E pouco barulho, hein? Cozinha e banheiro é lá embaixo!... Deixa eu trabalhar. (*Descendo, enquanto o casal olha desconsoladamente o cômodo.*) Eu disse pra Faustina que não dava eu tomá conta de tudo. Fico nervosa, eu! Fico nervosa! São 70 anos! 70 anos nas costas e subo e desço escada, que nem mocinha. Subo e desço. Setenta anos!... (*Desaparece.*)

JOÃO — Eu nunca disse que a gente ia morá em palácio, disse?

ALICE (*Voz apagada*) — Não faz mal, não.

JOÃO (*Vai até a cama*) — É um bocado apertada, n'ê?

ALICE — Dá-se um jeito!

JOÃO (*Sorrindo aponta para o ventre de Alice*) — O Florencinho aí é capaz de atrapalhá!

ALICE — Que Florêncio o que!

JOÃO — Brincadeira, boba! Chega aqui, barrigudinha, senta. Vá, senta!

ALICE — Você é muito estúpido, viu?

JOÃO — Preocupação. Olha, afinal de contas tá tudo bem. Agora a gente tá junto.

ALICE — É! Sempre oito ou oitenta. Antes separados, agora apertado demais!

JOÃO — Até que é gostoso, vá! (*Tenta agarrá-la.*)

ALICE — Não, não vem com coisa, não! Já pensou quando nascê o moleque? Isso não dá nem pra um, quanto mais pra três!

JOÃO — Aí nós já temos casa própria. Lá pra "Freguesia do Ó"... É longe, mas convém. Tijolo, umas telhas... e eu mesmo faço. Quarto, salinha, cozinha grande... e um quintalão pro moleque. Legal ou num é?

ALICE — Se sonhá enchesse barriga...

JOÃO — Você vai vê: casa branca de janela azul... E vai ter nome que nem fazenda. Precisamos bolá um nome bacana pra casa... (*Pensa um pouco.*) — "Solar da Barrigudinha"!

ALICE — Ocê tem cada uma!

JOÃO (*Rindo, ajoelha-se procurando encostar o ouvido no ventre de Alice*) — Deixa eu ouvi um pouco o meu filho!

ALICE — Faz cócega, João! Ai! Não, não, não!

JOÃO (*Ouvido colado ao ventre de Alice*) — Péra aí, num faz barulho.

ALICE — Num ouve nada, não!

JOÃO — Tá muito quieto mesmo. Será que ele está bom?



ALICE — Tá mais do que bom. Levanta, vai, João!

JOÃO — Péra aí, péra aí! Pulô... pulô! Você sente ele mexê?

ALICE — Claro, ué!

JOÃO — Danadão! Ói como pula! Fica quieto, sô! Quietos! Olha aí, nem respeita o pai!

ALICE — Tá me incomodando, João!

JOÃO — Como chuta o danado!

ALICE — Não é chute, não. Ele tá todo enroladinho!

JOÃO — Enroladinho, é?

ALICE — Todo assim. (*Mostra.*) O doutor me mostrou um mapa de como é que é. Tá todo fofinho aqui.

JOÃO — Quando nascê vai estranhá pra burro.

ALICE — Acostuma.

JOÃO — É o jeito! (*Falando para a barriga de Alice.*) Num vai tê moleza, não, viu nenê? E cresce depressa pra trabalhá, sustentá papai, viu nenê?

ALICE — 'tadinho! Você é bem capaz!

JOÃO — Que o que! Vou ser o melhor pai do mundo! (*Tirando um chocalho do bolso.*) Olha, já comprei um presente pra ele... Presente de casa nova.

ALICE — Ah, deixa eu ver! (*É um chocalho preto. Alice sacode-o.*) Ah, João! Você podia ter escolhido de outra cor!

JOÃO — Éh-éh! Você não acha nada bom!

ALICE — Preto é triste, João! Ih! Fico até nervosa!

JOÃO — Bobagem! Preto é tanta coisa boa! Petróleo, feijão, teus olhos... o cabelo do nenê... é pra combiná... Ele vai tê o cabelo pretinho!

ALICE (*Com um muxoxo*) — Preto eu não gosto...

JOÃO — Tá bom, me dá. Eu troco. Sempre errado, eu. Nada que eu faço tá certo!

ALICE — Ah, bobo! Vai trocá nada. É bonito sim... Eu também te arranjei um presente...

JOÃO — Cadê?...

ALICE — Que horas são?

JOÃO — Quase nove...

ALICE — Daqui a pouco eu te mostro. Lá embaixo, no bar...

JOÃO — Uma garrafa de cachaça?

ALICE — Bêbado! Coisa muito melhor!

*Apagam-se as luzes.*

#### CENA IV

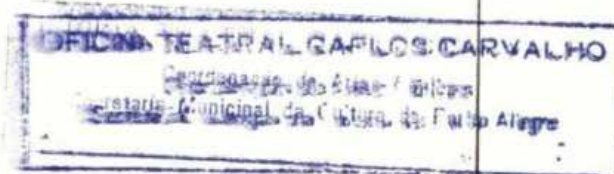
*Departamento de Polícia. Escritório. Forte luz sobre a cadeira em que se encontra Rosa. Os policiais ficam na penumbra.*

DELEGADO — Rosa Carraro é seu nome, não é?

ROSA — Já falei mais de cinquenta vez!

DELEGADO — Casada com Agileu Carraro, fichado neste Departamento. Elemento subversivo.

ROSA — Agileu é meu marido. Do resto não sei nada.



DELEGADO — A senhora pretende nos convencer de que não está a par das atividades políticas de seu marido?

ROSA — Meu marido é operário! Não sei nada desse negócio de política!

DELEGADO — Sabemos que a senhora participava de reuniões que se realizavam em sua casa. Poderia nos explicar o caráter dessas reuniões?

ROSA — E o senhor, antes, podia me explicar com que direito esses homens entraram lá em casa pra roubá as coisa?

DELEGADO — Eles tinham um mandado de busca perfeitamente legal. Responda minha pergunta.

ROSA — Eu não sei de reunião nenhuma!

DELEGADO — Pois é muito estranho que a senhora não saiba. Temos provas de que já se reuniram em sua casa destacados elementos do Partido. Querirá nos convencer também que ignora isso?

ROSA — Olha, doutor, num quero convencer ninguém de nada! Eu tô é cheia desse negócio e quero ir embora!

DELEGADO — Me parece que a senhora não está percebendo a gravidade da situação.

ROSA — Eu quero é ir embora. Ninguém pode me prender, eu não fiz nada.

DELEGADO — Calma. Calma. É apenas isso que queremos que esclareça. A senhora não negará que se realizaram reuniões em sua casa...

ROSA — Não nego nada, doutor.

DELEGADO — Pois muito bem. E a senhora afirma não saber qual o caráter dessas reuniões.

ROSA — Eu não sei de nada, doutor!

DELEGADO — Sendo assim, a senhora não poderá negar que as reuniões tinham caráter subversivo...

ROSA — Eu nem sei o que é isso, doutor!

DELEGADO — E já que a senhora também ignora quais as atividades de seu marido, não poderá excluir a hipótese de que ele seja um dos elementos responsáveis pelo Partido...

ROSA — Mas eu lá sei de Partido!

DELEGADO — Mais um minuto e não a importunarei mais. O que a senhora tem a fazer é nos dar uma declaração formal de que a senhora nada tem com o Partido e muito menos, com as atividades do seu marido. Justo?

ROSA — Tá sim, doutor!

DELEGADO — Ótimo. Muito bem. Mais um minuto apenas. (*A um dos policiais*) Toma nota. (*Ditando*) Declaro para os devidos fins que não pertencendo e nunca tendo pertencido ao extinto P.C.B., não posso responsabilizar-me, nem ser responsabilizada, pelas atividades políticas de meu marido, Agileu Carraro, atividades essas que merecem todo o meu repúdio, como repúdio merecem quaisquer atividades comunistas, nocivas aos interesses do país. Data etc.

ROSA (*Voz sumida*) — Meu marido também não tem nada com isso.

DELEGADO — Então não deve temer. No fundo isso não passa de uma formalidade. Assine aqui, por favor.

ROSA — Assiná o que?

DELEGADO — As três vias, faça o favor!

ROSA — Mas tá em branco.

DELEGADO — Se quiser esperar... Mas dá no mesmo. Não quero crer que a senhora tema que possamos utilizar sua assinatura de outra forma...

ROSA — Sempre dizem pra não assinar nada em branco...

DELEGADO — Como a senhora quiser. No entanto, nosso datilógrafo está ocupadíssimo. A senhora terá de esperar aqui bastante tempo, talvez até amanhã. Então?

ROSA — Ah! Tô cheia, sabe? Dá aqui! (*Assina as folhas em branco.*)  
*Escurece.*

## CENA V

*Reunião do Partido. Mesa, quatro cadeiras. Reúnem-se: Agileu, Cipriano, Jofre e o assistente do Comitê Regional.*

CIPRIANO (*Lendo*) — “Naturalmente, nos países onde o capitalismo é ainda forte, onde tem em suas mãos um enorme aparelho militar e policial, é inevitável uma acirrada resistência das forças reacionárias. A transição ao socialismo transcorrerá aí em meio a uma aguda luta revolucionária de classes. Em todas as formas de transição ao socialismo é condição indispensável e decisiva que a direção política seja exercida pela classe operária, encabeçada por sua vanguarda. Sem isso é impossível a passagem ao socialismo.”

ASSISTENTE — Até aí está bem. Vamos fazer um intervalo aqui, rápido...

JOFRE — Tá.

AGILEU — Olha a hora, companheiro. Tem muita coisa pra tratá.

ASSISTENTE — Um momento só. (*Levanta-se.*)

CIPRIANO — Um cafezinho agora ia bem...

JOFRE — Fala com o dono da casa, aí...

ASSISTENTE — Deixa, deixa. Já estão emprestando a casa, ainda por cima café!

CIPRIANO — É sim!

AGILEU — Acho que estou ficando velho. Bateu o cansaço!

ASSISTENTE — Você é muito nervoso, companheiro. Gasta-se muito. A gente precisa se poupar.

AGILEU — Poupar como? Eu acho que a gente devia dar mais ainda... é pouco!

ASSISTENTE — Quando o físico não funciona, a cabeça também vai mal... Nós precisamos sempre de cabeça fria!

AGILEU — É!

ASSISTENTE (*Numa necessidade evidente de desabafo*) — Sabe... minha companheira está piorando!

AGILEU — Hum?

ASSISTENTE — Minha mulher. Ficou doente a semana passada, piorou... E parece que não há remédio!

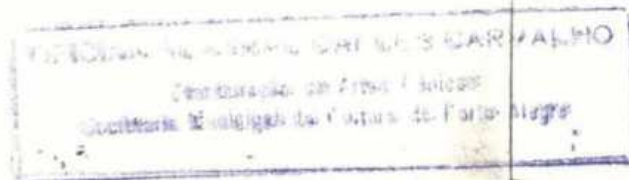
AGILEU — O que disse o médico?

ASSISTENTE — Os companheiros conseguiram um hospital. Foi internada. Está ruim mesmo... O pior são as crianças, ficam espalhadas, uma aqui, outra ali... É ruim pra elas... O pequeno está com problema de vermes...

AGILEU — É!

ASSISTENTE (*Mudando de tom inesperadamente; insincero*) — Como vê, companheiro, a vida é dura. Mas não me queixo. Para nós, os problemas pessoais ficam em segundo plano...

AGILEU — Mas é bom desabafar...



ASSISTENTE — Não, não. Falei como exemplo. Isso pode servir de experiência.

AGILEU (*Com um sorriso*) — Pode. Vamos recomeçar?

ASSISTENTE — Vamos lá. Vamos lá.

AGILEU — Bem, camaradas. Acho melhor discutí o informe em outra ocasião e passá logo pra situação da empresa. A coisa tá feia lá.

CIPRIANO (*Ao Assistente*) — O que o companheiro acha?

ASSISTENTE — Vocês é que resolvem...

JOFRE — Então é melhor...

ASSISTENTE (*Atalhando*) — Mas talvez o Agileu tenha razão.

CIPRIANO — Então, vamos lá!

AGILEU — Quer intervir, Jofre?

JOFRE — Quero, sim!

AGILEU — Rápido, viu, companheiro.

JOFRE — Não, não vem apressando que eu já me atrapalho todo. O companheiro tem esse defeito...

AGILEU — Vai, vai.

JOFRE — Bem, companheiros. Eu antes de qualquer coisa quero fazê umas crítica. Principalmente ao companheiro Agileu. O companheiro anda muito auto-suficiente. O companheiro pensa que o que ele fala é sempre certo... Passa semanas sem reuní, só discutindo com a gente nos encontros rápidos. Isso vem prejudicá as tarefa. É por isso que saiu o jornalzinho convocando o pessoal pra greve, sem ter condições de greve. Bem que o camarada assistente tinha falado, num tinha as condição... Mas é o tal negócio, o companheiro quer fazer a revolução sozinho! Tá aí. Pagou seu erro, está na ilegalidade. Prejudicando o Partido. O pessoal, na fábrica,

atemorizado — com medo de tudo. Foi isso que nós lucrarmos, companheiros.

AGILEU — Acabô?

JOFRE — É só, sim...

AGILEU — Cipriano.

CIPRIANO — Eu tô de acordo com o Jofre.

AGILEU — Companheiros, eu quero...

ASSISTENTE — Um momento só. Parece que chegou a hora da direção se manifestar... As críticas feitas pelo Jofre são justas. A direção tem o dever de advertir o companheiro. Convocar uma greve, quando não há nenhuma condição, é um mal. É erro. É até sabotagem, traição...

AGILEU — Quem inventou que não tinha condições...

ASSISTENTE — Eu estou falando, companheiro...

AGILEU — Mas quem inventou isso? Era o pessoal exigindo uma tomada de posição. Todo mundo...

ASSISTENTE — Posso falar? As atitudes do companheiro são contrárias aos nossos princípios. São atitudes arbitrarias. Sem consultar a direção...

AGILEU — Mas consultá como? Se o negócio estoura, precisa tomá uma decisão logo...

ASSISTENTE — Mas é o cúmulo, camarada. O camarada é pretensioso, auto-suficiente. Vive em autodefesa. Vamos ser humildes, aceitar as críticas. O companheiro está contra a democracia do Partido...

AGILEU — Ah, não vem com isso agora, não... O companheiro tá dizendo besteira, eu vou ficar quieto? Tinha todas condição, fique sabendo... Vocês ficam aí de capa preta pelas esquinas, e se desligam do mundo... E esses aqui (*aponta Jofre*

e Cipriano) têm menos sensibilidade política do que um animal...

JOFRE — Assim também não...

AGILEU — Agora estou falando e ninguém vai me interrompê...

ASSISTENTE — Quem está falando sou eu...

AGILEU — Já sei tudo que você vai dizê... Vive dizendo sempre a mesma coisa... o mundo dividido em dois campos, conjuntura, correlação de forças, tudo muito bom... Mas vamo pro concreto, vamo?

CIPRIANO — Isso não é jeito de falá, Agileu!

AGILEU — Ora, não é jeito! O Partido precisa de militantes, não de serventes! De gente que só pensa pela cabeça da direção! Eu não sei se isso a gente chama de burrice, comodismo ou carreirismo, isso eu não sei. Só sei que essa atitude de beata prejudica a classe operária. Os companheiros só falam para dizê "amém" pra direção. E nem desconfiam que também são dirigentes. Mas não. Vem o assistente, diz meia dúzia de patacoadas e está tudo na paz! Veio a palavra do céu? Pois não é nada disso! Quem tem de fazê a política da empresa somos nós mesmos. A direção tem é de coordenar, auxiliar, transmití outras experiências. A direção está aqui para servir e não pra comandar!

ASSISTENTE — Essas são idéias estranhas ao Partido! Contrabando!

AGILEU — Contrabando é você que não faz outra coisa senão frear qualquer ação. Isso é que é estranho ao Partido. Pois eu afirmo que a situação na fábrica nunca esteve tão boa... o pessoal está disposto a lutar como nunca esteve...

ASSISTENTE — Eu não estou aqui para ouvir seus berros!

AGILEU — Está, está, e pra muito mais! Pois ouça. O filho do Américo está pra morrer. Nunca estudou marxismo. Criança ainda, tá pra morrê... braço comido pela máquina. Máqui-

na que ele não sabia usá. Um braço: uma vida moça em troca de alguns mil-réis pra empresa, e mesmo se ele morresse de doença, a culpada era a empresa. Culpada a canalhada que obriga a gente a trabalhá por salário mínimo, nas piores condições...

ASSISTENTE — O companheiro não está na praça. Não precisa fazer comício!

AGILEU — É preciso! É preciso fazê comício a todo instante. O simples fato do homem tá chegando à Lua cria todas as condições para lutar. E os companheiros não enxergam! Vivem falando em precipitação, em falta de condições. A reboque de tudo, do próprio medo. Só porque tem um dedo-duro qualquer, porque dois ou três companheiros foram presos, é o pânico? Nada disso, infeliz! A hora é de ação e de ação rápida.

ASSISTENTE — O companheiro está sabotando a reunião.

AGILEU (*No auge do entusiasmo*) — A hora é da gente ir pra fábrica. Esclarecer essa gente. Experimentá-los nas luta. Demonstrar em massa nosso poder!

ASSISTENTE — O companheiro está histérico!

AGILEU — Histérico de vergonha! Histérico diante de tanta inoperância! Farto do vosso profissionalismo mofado!

JOFRE — Perdendo a cabeça, Agileu?

AGILEU — Tô, tô perdendo. Tô cansado, enojado!

ASSISTENTE — Isso é medo! Orgulho. Não quer reconhecer o seu erro. Fique sabendo que é desse profissionalismo que vive o Partido. E que é desse profissionalismo que você vai poder continuar vivendo. Você agora é ilegal!

AGILEU — Pra me enrustir do seu jeito? Pra viver de quarto em quarto, trancado, discutindo só, sem ver o que se passa, sem poder conduzir minha gente, desligado da produção, acomodado, funcionário letra "A", nunca!

ASSISTENTE — Esse é um comportamento de burguês medroso!

AGILEU — E o seu de um burguês defendendo o emprego!

CIPRIANO — Essa discussão tá muito negativa!

AGILEU — Negativo é calá a boca. Vamo despejá, minha gente. Despejar tudo. Vamos falá. Dizê o que se pensa. Vamo fazer isso, vamos?

JOFRE — Nunca escondi nada!

AGILEU — Você é puro e burro, meu irmão!

ASSISTENTE — Sua atitude não é de companheiro. Atitude romântica, de pequeno-burguês oportunista...

AGILEU — Rotula, rotula, vai rotulando. Então vocês ainda não moraram? O que o camarada aqui tem é medo de responsabilidade. Por isso freia. Um movimento na fábrica é perigoso. Pode falhá. Pode vir crítica do Comitê Central. É uma ação. Mais garantido ficá no quentinho, discutindo só, analisando artigos! Não é, companheiro? Não é mais seguro, mais simples, bem mais fácil?

ASSISTENTE — O companheiro é um visionário. A massa não está preparada para uma greve política!

AGILEU — Nunca estará se a gente não preparar. E é o que a gente não faz.

ASSISTENTE — E é você, que não sabe nada de política, de marxismo, de dialética, que vai comandar a revolução?

AGILEU — Faço minha tarefa. O que minha condição mandá. Sou operário, esclarecido. Política, companheiro, se faz com muito suor. Política, companheiro, se faz com arrojo. Política é incompatível com sossego! E pouco me importa que sua mulher esteja doente ou que os seus filhos comam terra. Há muitas mulheres doentes e muitos filhos comendo terra. Muitos filhos mortos — e a hora é de ação. Reúnam a base imediatamente!...

CIPRIANO — Péra aí, não se discutiu!

AGILEU — Já! Providenciar volantes. Passeata pra amanhã. Amanhã! De protesto!

JOFRE (*Ao Assistente*) — Então, companheiro?

AGILEU — Tem de sair amanhã!

ASSISTENTE — Vocês é que resolvem.

AGILEU — Nós, sim. Nós. Palavra de ordem — pagamento imediato do adicional...

CIPRIANO — Vamo discutir, Agileu...

AGILEU — Indenização filho do Américo, proteção do menor, melhores condições de trabalho, exaustores, refeitório, médicos, vacinas, pão... ahhhh! (*Tomba sobre a mesa.*)

CIPRIANO — Agileu? Agileu?

ASSISTENTE — É a estafa. Muitas noites sem dormir.

JOFRE — Não sei o que deu. É um bom companheiro.

ASSISTENTE — Nesse ponto pode se tornar perigoso...

CIPRIANO — Vai buscar água, Jofre!

JOFRE — Pifô mesmo. (*Sai.*)

ASSISTENTE — Preciso sair. Tenho outro ponto.

CIPRIANO — E o que a gente faz?

ASSISTENTE — O que ele disse...

CIPRIANO — Mas...

ASSISTENTE — O que ele disse. Pagamento imediato do adicional, indenização filho do Américo, proteção do menor, me-

lhores condições de trabalho... há muitos filhos mortos... mulheres doentes... muitos filhos comendo terra... (Sai.)

JOFRE (Com água) — Toma aqui, Agileu...

CIPRIANO — A direção concordô...

JOFRE — Ué! Voltaram atrás? Mas tem ou não tem condição?

CIPRIANO — Quer saber de uma coisa? Eu sofro, sofro muito, mas não entendo nada de política.

JOFRE — A gente acaba aprendendo. Bebe aqui, Agileu. Oi, touro! Vamo, levanta a cabeça!

AGILEU — Há um menino morto que é filho de Américo, meu companheiro e nosso irmão!

JOFRE — Vamo, Agileu, reage!

*Em resistência ilumina-se a cena do velório do filho de Américo.*

AGILEU — Há um menino morto, sem culpa de nada...

CIPRIANO — O que a gente faz com ele?

*Choro da mãe do menino morto.*

AGILEU — Há um menino morto... há meninos mortos... roubaram o avião do moleque...

JOFRE — É melhor deixar ele aqui...

AMÉRICO — Calma, minha velha, calma.

AGILEU — E é nossa culpa. Só nossa a culpa.

JOFRE — Bebe a água, Agileu.

AGILEU — Há um menino morto, companheiros, e a revolução não se faz com lágrimas.

CIPRIANO — Pois é, Agileu... Vamo, arriba esse corpo...

AMÉRICO — Não adianta nada chorá, velha.

AGILEU — Deixa o líder cansado... eu também tenho minha tarefa!

*Escurece.*

## CENA VI

*CENÁRIO: Casa de Américo. Sobre um praticável, está armada a mesa sobre a qual se encontra o caixão do filho de Américo. Círios nos cantos da mesa. Em volta do pequeno morto, estão Américo, sua mulher, amigos, parentes e companheiros da fábrica. Alguns procuram consolar os pais do garoto. Uma senhora já idosa serve café. Os componentes do velório formam pequenos grupos. A maioria veste-se de preto. O choro abafado dos parentes. O ganir exausto da mãe do menino. O murmúrio dos outros. O Padre aproxima-se ao fundo.*

MÃE — Manda ele embora, Américo. Manda. Manda ele embora.

AMÉRICO — Que é isso, velha? Calma...

MÃE — Não quero ele aqui, manda ele embora. Não houve nada com o Toniquinho! Não houve nada!...

PADRE — Tem razão, minha filha. Não houve nada com o Toniquinho. Nada que lhe barre a entrada no céu. Deus o chamou para sua Glória.

MÃE — Chamou nada! Toniquinho tá bom. Foi só o susto. Só o susto!

AMÉRICO (Fazendo um aceno de entendimento para o Padre) — Foi só o susto, minha velha... vem, vem descansar um pouco.

MÃE — Fico aqui até ele acordar... não houve nada com o Toniquinho.

*O Padre inicia uma reza murmurada. Mãe encosta a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa. Américo passa a mão pelo rosto, exausto de tanta vigília.*

HOMEM 1 — Me lembro bem do Olinto, eu... Três filhos. Um depois do outro. Não sobrou nenhum. Diferença nem de mais de ano. Um depois do outro. O primeiro de acidente do trabalho. Quebrou a corda do andaime e lá veio ele batendo nos muros. O segundo, dizem que foi do pulmão. O terceiro não esperou nem quebrar a corda, nem o pulmão arrebentar, resolveu ele: esperou o rápido das cinco e deu um chute na vida... Olinto nem gemia mais...

HOMEM 2 — É duro!

HOMEM 1 — A vida, ué!

HOMEM 3 (*Amarguradíssimo*) — Miséria, compadre! (T.) E o pior é que eu avisava pro Toniquinho. Larga a máquina, tu não sabe lidar com isso. Um dia ela te pega... São malvadas quando a gente não trata direito... Máquina, ainda mais nova, é que nem cavalo e mulher... fazem tudo direitinho, mas é preciso jeito... Toniquinho se ria. Alegre, o pirralho... todo um riso na oficina...

HOMEM 2 — Que troço mais esquisito... Um pirralho daqueles, agora é falecido... Falecido, pra mim, é um senhor já... com neto...

HOMEM 1 — Pra “dá a casca”, não tem idade certa!

HOMEM 3 — Vocês precisavam ver a alegria dele com a máquina. Parecia brinquedo novo. A gente dizia: “Deixa de ser trouxa, Toniquinho. Quem trabalha de graça é relógio. Num deixa! Eles estão te explorando!” Toniquinho se ria... Até nas horas de almoço ele ficava grudado na diaba!

HOMEM 1 — O pessoal ficou cheio com a história. Tão falando em greve, passeata, sei lá... tá fervendo o ambiente!

*Américo aproxima-se do grupo.*

AMÉRICO — Vão desculpar, viu? Mas não tenho nada pra dar pra vocês. Bebida acabou toda... Tou que num me agüento...

HOMEM 3 — Descansa um pouco, Américo!

AMÉRICO — E quem é que pode descansar numa hora dessas... Tu viu a “Mãe” como tá? Encasquetô que Toniquinho tá vivo... Quando ela perceber é que vai ser pior...

HOMEM 2 — Olha, Américo. Pro que você precisar, nós tamo aqui.

HOMEM 1 — É duro o baque, companheiro, mas agüenta a mão.

AMÉRICO — É... Deus sabe o que faz... adianta de nada ficar remoendo raiva... Toniquinho se foi... O jeito é procurar esquecer...

PADRE (*Continua murmurando*) — Misericórdia Divina...

AMÉRICO — Escuta, eu não entendo disso... o padre cobra?

HOMEM 2 — Então não vai cobrar?

AMÉRICO — É que eu tou meio ruim de gaita... esse enterro agora atrapalha tudo...

HOMEM 3 — A gente dá um jeito...

HOMEM 1 — O pessoal mandou pedir desculpa, o patrão não deu dispensa pra ninguém.

AMÉRICO — É! O trabalho não pode parar mesmo. Eu acho até que eles me desconta o dia.

*Escurece.*



## CENA VII

*CENÁRIO: Frente da casa de cômodos. João e Alice estão no balcão do bar. O rádio está ligado.*

JOÃO — Preciso dar um jeito deles não me descontá o dia.

ALICE — Eu disse que a gente não podia perder o serviço. Você vai ver a falta que vai fazer esse dinheiro.

JOÃO — Ah, a gente dá um jeito... Mas cadê?

ALICE — Calma...

JOÃO — Presente complicado, esse.

ALICE — Se não quer saber, é só avisar.

JOÃO — Eu não estou entendendo porque aqui... Que diabo de presente é esse?!

ALICE — Você vai acabar estragando tudo...

JOÃO — Tá bom, fico quieto... O irmão, me dá mais uma branquinha...

ALICE — Não, não senhor, nada disso. Será que não pode ver bar, sem beber?

JOÃO — Tamo há meia hora aqui, sem fazer nada. Você é esquisita, viu?

ALICE — Tá bem, tá bem. Vamo pra casa?

JOÃO — E o meu presente?

ALICE — Você não tá chateado de ficar aqui sem fazer nada? Vamo pra casa!

JOÃO — Barrigudinha boba... eu espero, sim. A gente podia ir a um cinema hoje...

*Neste instante, ouve-se mais nitidamente o som do rádio: "Acabamos de ouvir Trumpet Blues, na interpretação de Harry James. E agora, Alice oferece a João, neste dia muito especial..." Ouve-se a introdução de um tango. Alice sorridente espera algum comentário. João, indiferente, continua assobiando baixinho.*

ALICE — Ouviu?

JOÃO — O quê?

ALICE — No rádio.

JOÃO — Que é que tem?

ALICE — "Alice oferece a João"! Sou eu e... *(Aponta para ele.)*

JOÃO — Hein?

ALICE — É muito bobo, mas é o presente!

JOÃO — No... hum... ah! Puxa vida que lindo! Barrigudinha você não existe... *(Abraça-a.)* Obrigada, minha santa! Muito obrigado!...

*O tango cresce de intensidade quando o volume do rádio é aumentado pelo garçom sorridente. Os dois começam a dançar evoluçionando pela praça.*

## CENA VIII

*CENÁRIO: Velório em casa de Américo; Mãe chora ao lado do caixão. O Padre murmura rezas. Américo caminha de um lado para outro com um ar aparvalhado. O grupo de três operários está mais próximo.*

HOMEM 2 — Vocês podem me chamar de herege, mas eu nunca fui com cara de padre!

HOMEM 3 — Pra mim, o que chateia é eles não casar.

HOMEM 1 — Respeita o defunto!

HOMEM 2 — Tô respeitando, uai! Sabe o que eu estou pensando? Nós somos os únicos que não foi trabalhar hoje. Se a turma fizer barulho por causa da morte do Toniquinho, a bronca vem toda pra cima de nós!

HOMEM 3 — Por mim, pode vir. Nem dispensa pra acompanhar o morto esses miseráveis deram!

HOMEM 1 — Será que eles não ficam com remorso por causa dessas coisas?

HOMEM 2 — Que o que! São os donos do mundo! Morre um operário, põe outro no lugar.

HOMEM 3 — Chi! Quando eu começo a pensar nessas coisas, me dá até aflição. É tudo tão complicado, não é?

HOMEM 2 — Tem nada de complicado, irmão. Nisso o Cipriano tem razão. Não tem nada de complicado.

HOMEM 1 — Fica indo nas ondas do Cipriano, que te acontece que nem o Agileu.

HOMEM 3 — É, pode ser chato ficá metido com a polícia. Mas que o Agileu é macho, é!

HOMEM 1 — Ele é muito esquisito. Tem cara de santo!

HOMEM 3 — Esse não vive de reza, não. Se não fosse ele e a turma dele, aquela pouca vergonha com os descontos dos atrasos não tinha acabado... Deixa estar que justo pelo justo, eles são os únicos que trabalham...

*Do fundo, surge Agileu.*

HOMEM 1 — Fala no Cão, o Diabo aparece!

HOMEM 3 — Eu não digo? Macho tá é ali!

AGILEU — Bom-dia. (*Vai até o caixão; fica alguns instantes olhando o morto, silencioso, músculos contraídos.*) Mataram teu Toniquinho, Américo.

MÃE — Mataram quem? Quem que mataram? Mas pára de falar que morreu. Pára de falar que morreu!

AMÉRICO — Por favor, Agileu. Respeita a nossa dor!

AGILEU — Pois é nossa, sim. É nossa dor. Ele é eu. Morreu, Mãe, morreu. Adianta nada fechar os olhos, esconder a cabeça feito avestruz, morreu! É só olhar bem... a gente vê. É claro como água. Morreu!

MÃE — Meu Toniquinho! Filho querido! Culpa tua, Américo! Eu sempre disse que ele não precisava trabalhar.

AMÉRICO — Ah, Agileu, Agileu!

AGILEU — Entendo vocês muito bem. Sinto tanto como vocês. Mas não adianta ficar em volta dele chorando...

AMÉRICO — Por favor, Agileu, estou pedindo. Vai embora... Não complica mais as coisas...

HOMEM 1 — Deixa eles, Agileu. Tão que não se agüentam.

HOMEM 3 — Foi duro!

AGILEU — Vocês faltaram ao serviço apesar da proibição?

HOMEM 2 — Américo é nosso amigo, ué!

AGILEU — Pois vão se preparando. Quem faltou hoje vai ser culpado de uma porção de coisas que não fez.

HOMEM 1 — Tamo sabendo.

AGILEU — E então?

HOMEM 2 — Deixa pra lá. Ninguém vai mandar na minha vida.

AGILEU — Assim é que tem que ser.

AMÉRICO — Agileu, vai embora. Aqui não é lugar pra se discutir essas coisas...

AGILEU — Precisamos discutir...

AMÉRICO — Vai embora, Agileu.

AGILEU — Américo, compadre, não quero brigar com você... Mas não posso ir embora. A morte de Toniquinho significa muito para nós.

AMÉRICO — Dor é minha... o filho é meu...

AGILEU — Dor é nossa... Toniquinho morreu por culpa deles... Vítima da ganância...

AMÉRICO — Destino, é o que é. Vai embora, Agileu. Hoje não é dia pra discutir...

AGILEU — É dia de sair pela rua, gritando o que aconteceu...

AMÉRICO — É dia de enterrar meu filho!

AGILEU — De vingar seu filho! Convençam ele vocês também... a turma toda na fábrica tá revoltada... todo mundo gostava do Toniquinho... Ninguém se conformou com essa morte estúpida. Tão com ódio da direção da fábrica. Querem desabafá, e se a gente controla esse desabafo, organiza esse pessoal, hoje pode ser dia de grandes conquistas.

MÃE — Manda todo mundo embora. Não quero mais ninguém aqui!

AGILEU — Pensa nisso, Américo! Não em quem morreu, mas em quem está vivo! Pior sorte é de quem tem de viver. O morto a gente enterra, seja pai, filho ou irmão... Perdi minha mãe aos 16 anos. Fiz o enterro sozinho e nem tive tempo de chorar... foi ver o caixão sumir e pensar em como não morrer de fome. E até hoje luto por isso...

HOMEM 1 — Deixa ele, Agileu. O homem nem se agüenta...

AGILEU — Américo, compadre. Você não pode ficar parado... Uma palavra tua na fábrica. Nem dizer nada precisa. Só aparecer e mostrar uma dor de fato nessa cara cansada e você já é bandeira... Bandeira que leva todo mundo pra berrá na rua... e quanta gente depois que não vai mais ter medo de uma porção de coisa... Eles serão obrigados a ouvir nossa vontade. Pensa, Américo, é a melhor maneira de rezar pelo teu filho!

PADRE — Que é isso? Contenha-se!

AGILEU — Não se meta, Padre. Isso é uma questão da classe operária!

PADRE — Você está fora de si! Vamos, rezem, meus filhos!

AGILEU — Padre, por favor, não quero criar um caso consigo... são mais de dois mil trabalhadores que podem conseguir hoje melhores condições de vida.

HOMEM 1 — Não grita com o Padre!

AGILEU — São mais de dois mil trabalhadores que podem se organizar pra lutar pelos seus direitos...

HOMEM 1 — Respeita o cadáver, anticristo!

AGILEU — Anticristo, porque luto pela libertação da esmagadora maioria da humanidade? Anticristo porque quero que a morte deses infeliz sirva ao menos para alguma coisa? Anticristo porque eu quero que o sacrifício dessa criança possa abrir os olhos de seres iguais a mim? Anticristo, eu? E Cristo não morreu também por isso e não é usado como bandeira, e bandeira avacalhada por todos vocês?! Apaga essas velas, Américo, carrega o corpo do teu filho nas costas e caminha para a praça. Berra bem forte o teu sofrimento. Atira esse cadáver junto a milhões de outros e forma uma barricada, uma barricada de mortos para os que ainda estão!

PADRE — Esse homem está possesso! Chamem a polícia!

HOMEM 2 — Vai embora daqui, senão eu te quebro a cara!

AGILEU — Mas será que vocês não entendem?

HOMEM 1 — Ouviu, não é?

HOMEM 2 — Vai, se arranca!

AGILEU — Infelizes! Há muito ainda por fazer!

HOMEM 3 — Vai sair, ou quer ir pela força?

AGILEU — Mãe, chora o teu filho... mas pode se orgulhar, ele vai reviver nas ruas, hoje!

## Segundo Ato

### CENA I

*CENÁRIO: Manhã bem cedo. Em uma das oficinas da fábrica, João está sozinho preparando-se para o trabalho do dia. Seus companheiros ainda não chegaram, tão cedo que é. Determinando o local vemos apenas uma estrutura semelhante a uma máquina — talvez um grande torno. Do alto pende a corrente de um guindaste com um grande gancho na extremidade. O gancho deve estar suspenso a um metro do solo. De uma passarela da qual vemos apenas uma parte, colocada em plano superior, surge Alice, linda na sua gravidez, trazendo uma marmita.*

ALICE — João! Ei, João! (*Quase um sussurro.*)

JOÃO — Barrigudinha, santa! O que foi?

ALICE — Você esqueceu! (*Mostra a marmita.*)

JOÃO — Puxa, foi mesmo! Pode deixá aí... não vai chegá atrasada no serviço...

ALICE — Tem tempo, ainda. Você madrugou...

JOÃO — Preocupação, filha... Imaginô, depois de tudo perdê o emprego... Você tá tão linda!

ALICE — Que nada. Pareço uma bóia... Armanda me vai dá três vestidos do tempo dela de gravidez...

*João liga a máquina. Ouve-se o ruído do motor. Ele fala quase gritando.*

JOÃO — Boa pedida.

ALICE (*Também quase berrando*) — Os homens não disseram nada?

JOÃO — Que o que! Perguntaram só se eu tinha ido ao enterro do Toniquinho!

ALICE — Morreu, é?

JOÃO — Pois é! Eu disse que não; eles então ficaram aliviados e me trataram muito bem! Falaram até em não me descontá... eu agradeçi!

ALICE — Tá vendo?

JOÃO — Tá vendo o que? Você é que tava insistindo em não perdê o dia...

ALICE — Não, senhor, você é que estava todo preocupado. E eu dizia que não ia acontecer nada...

JOÃO — Eles até me deram os parabéns...

ALICE — De quê?

JOÃO — Do casamento... eu contei...

ALICE — João!

JOÃO — É motivo de alegria, não é? Eu contei!

ALICE — Mas não falou da cama apertada?

JOÃO — Isso não. Já é muita intimidade...

ALICE — Agora eu vou!

JOÃO — Santinha! Me manda um beijo!

ALICE — Tô! (*Manda um beijo com a mão.*)

JOÃO (*Finge que o pega no ar*) — Tou tão contente que nem parece que vou trabalhar...

ALICE — Eu, não! Preferia ficar aqui!

JOÃO (*Desligando o motor*) — Essa barulheira o dia todo acaba com os nervos da gente...

ALICE — E lá na fábrica, então!

JOÃO — Barrigudinha, nós nascemos pra não fazê nada. Só namorá.

ALICE — Um com o outro!

JOÃO — Também!

ALICE — Estúpido!

JOÃO (*Rindo*) — Boba!

ALICE — Ai!

JOÃO (*Precipitando-se*) — Que foi? Que foi?

ALICE — Nada, não; esse danadinho é que está me espancando!

JOÃO — Bem feito. Xingou o pai, ele defende.

ALICE — Ele tá cansado de dormir...

JOÃO — Daqui a dois meses... Ai, minha Nossa Senhora, que me dá até um frio na espinha...

ALICE — Vai mudá nossa vida...

JOÃO — Vai é dá jeito nela... Diz pra ele que eu gosto muito, muito, mas muito mesmo dele...

ALICE — Ele sabe... João, vou-me embora...

JOÃO — Vai, coração. Vai pro trabalho. Vai fazê seda pro mundo vestí!

ALICE — Tchau!

JOÃO — Cuidado na saída... o pessoal tá muito agitado. Tão falando em greve e passeata. Passa apressada por lá!

ALICE — É pra aumento?

JOÃO — Pra tudo. O que irritou foi a morte do Toniquinho... cuidado na saída... tem gente com vontade de quebrá...

ALICE — Tem susto, não...

JOÃO — Tomara que não façam nada...

ALICE — Todo mundo fazendo não tem perigo!

JOÃO — Vai embora, vai!

ALICE — Tchau!

JOÃO — Ai, barrigudinha, que me dá um amor que eu nem explico...

ALICE — Em mim também...

*Ouve-se, um após outro, os motores das máquinas das outras seções que a pouco e pouco vão sendo ligados.*

JOÃO — Sei lá! Mas a vontade que dá é ficá em você, os dois juntos pro resto da vida...

ALICE — Que foi, João?

*O ruído das máquinas aumenta. Os dois se esforçam por falar mais alto.*

JOÃO — Alicinha, não vai trabalhar... fica aqui comigo. Hoje, só hoje...

ALICE — Bobagem, João. Tenho de ir.

JOÃO — Alice, nós temos muita coisa boa. Que pouca gente tem. A gente briga, se zanga. Mas um é a vida do outro. Todinha. Todinha. Sei lá, Alice, é tudo grande pra mim. A alegria está passando a medo... Alice, não vai pro trabalho; fica aqui comigo. Só hoje!

ALICE — Tchau, João... Bobo...

JOÃO — Ai, meu Deus, que está me dando uma coisa... Vou aí dar um beijo, nessa testa que eu adoro... E vai ser de desespero, nem sei por quê...

ALICE — Seu louco, que foi? Andou bebendo, João?

JOÃO — Não fala assim, não fala assim... Espera... num vai embora... Espera o beijo...

ALICE — Tchau, João...

*João, de um salto, agarra-se na corrente do guindaste e vai até a passarela num vôo calmo. Abraça-a e beija-a ardentemente.*

OPERÁRIO 1 (*Entrando*) — Larga o material... (*Assobia.*)

OPERÁRIO 2 — Olha a pouca-vergonha!

OPERÁRIO 3 — Deixa o osso!

*Entram outros operários. Todos riem vendo o rosto espantado de Alice e João. O barulho das máquinas aumenta a ponto de cobrir as gargalhadas. Escurece.*

## CENA II

*CASA DE AGILEU — Rosa está sentada conversando com Justina e Lurdes.*

ROSA — Ah, não tinha conversa, eles diziam uma e eu duas, na bucha! E não faltou sem-vergonha querendo me passar a mão!

JUSTINA — Ah, deve ser triste. Você não sabe como eu fiquei, Rosa. Quando eu vi aqueles macacos te agarrarem daquele jeito, minha vontade foi, nem sei, viu!...

ROSA — Tua vontade foi é de correr, pensa que eu não vi? É! Mas não me aborreci, não. No fundo a gente fica com medo mesmo... Mas eles viram que a Rosinha aqui é dura de molejo!

LURDES — Eles trancaram você no xadrez?

ROSA — Se trancaram? Fiquei lá bem umas duas horas. Depois é que me levaram pra sala do chefe!

LURDES — Que vexame, não?

ROSA — Nem sei por quê! Ser preso político é até honra. Pelo menos, assim diz Agileu e ele já é freguês. Ah, tudo por causa daquele diabo. Também deixa ele aparecê que vai ouví das boas...

JUSTINA — Marieta é que andou falando! Chi! Você nem imagina! Também ela é faladeira que dói. Ficou o dia todo gritando pra Dora lá da janela: "Eu sempre disse — ela dizia — que essa Rosa não é flor que se cheire! O marido dela — ela dizia — já foi preso umas cinqüenta vez!" E a Dora tóca a fazê sinal da cruz! Ah, mas eu esculhambei: "Cala essa boca

suas faladeiras de uma figal! Vocês não são gente nem pra lavá a roupa da Rosa, quanto mais pra falá dela!"

ROSA — Olha, filha, muito obrigada pela intenção. Mas que você falou isso, não falou, não!

LURDES — Mas conta!

ROSA — Foi isso, ué! O jeito mesmo é a gente mantê a dignidade. Mantendo a dignidade eles nem tem coragem pra chegá perto. O chefe lá foi até muito gentil, mas comigo não tem muito carinho, não. Vou logo desancando. Ah, pus a boca no mundo!

JUSTINA — E eles?

ROSA — Que jeito! Me soltaram e tou aqui, inteirinha!

JUSTINA — Ah, palavra de honra, eu tava morta! Meu coração não agüenta essas coisa!... E eles te soltaram assim, sem mais nem menos?

ROSA — Assinei um papel lá e pronto.

JUSTINA — Que papel?

ROSA — Uma declaração besta qualquer.

LURDES — Ih! Eu não assinava.

ROSA — Sim, e ia ficá lá a vida toda!

JUSTINA — E Agileu?

ROSA — Por aí. Agora tão cedo não aparece. Ah, mas quando eu pegá ele!

JUSTINA — Agileu não tem culpa, Rosa!

ROSA — Sei que não tem. Devia cuidá da família em vez de se meter com política.

*Batem à porta. As mulheres emudecem. Olham com medo para a porta, entreolham-se. Falam cochichando.*

JUSTINA — Abre não, Rosa!

ROSA — Não é nada de mais, não!

JUSTINA — Estou com pressentimento de que são eles de novo!

LURDES — Ai, meu Deus!

ROSA — Vocês são medrosas, nossa Mãe!

*Rosa abre a porta.*

JUSTINA — Vê lá, hein?

*Surge Jofre.*

ROSA — Entra. (*Às amigas.*) É um dos companheiros do Agileu.

JOFRE — Bom-dia! Prazer!...

ROSA — Aconteceu alguma coisa com Agileu?

JOFRE (*Entrega-lhe um envelope*) — Agileu e os amigos dele mandaram entregá isso!

ROSA — Cadê ele?

JOFRE — Eu gostaria de falá com a senhora em particulá!

ROSA — Deixa disso, Jofre. É tudo amigo, pode falá à vontade!

JOFRE — Agileu vai ficá bastante tempo sem aparecê. Tão procurando ele. E, agora depois do que a senhora fez, as coisas pioraram.

ROSA — O que foi que eu fiz?

JOFRE — Não é mais segredo pra ninguém. Já saiu no jornal!

ROSA — Mas saiu o quê?

JOFRE — Me desculpe, dona Rosa, mas pra mim é duro continuá falando com a senhora dentro das delicadezas. É melhor a senhora entendê o que eu digo!

ROSA — Não estou entendendo uma pinóia! E esse seu jeito já está me chateando!

JOFRE — Esse dinheiro é pra a senhora se arranjá enquanto o Agileu não resolve alguma coisa!

ROSA — Mas o que que há? O que que há?

JOFRE — Foi uma subscrição dos companheiros!

ROSA — Disso eu sei. O que que há com Agileu?

JOFRE — Pois ainda precisa falá, esfregá na cara, dizê bem alto a canalhada que você fez?

ROSA — Fiz nada, eu! Que intriga é essa?

JOFRE — Pois está aqui, bem escrito em letra de jornal! E não adianta dizê que não!

ROSA — O que é que tem o jornal?

JOFRE — Se fazendo de desentendida pra cima de mim? Tá aqui, ó! (*Lendo.*) Agileu Carraro, casado, morador a tá-tá-tá... foi apontado por sua esposa, Rosa Carraro, como um dos dirigentes responsáveis pelo extinto P.C.B., na Capital. Entre outras informações, Rosa Carraro declarou às autoridades que seu marido é o principal responsável pelos movimentos subversivos que vêm ocorrendo, dentre os quais a greve geral de metalúrgicos, bem como pelos movimentos pró-paz dos bairros do Brás e da Mooca. Estendendo-se em seu depoimento, em um evidente desabafo, Rosa Carraro declarou ser insuportável o convívio com Agileu. Queixou-se de sofrer maus tratos do marido que, alcoolizado, chegou mesmo a atentar contra a sua vida!... E por aí vai!



JUSTINA — Você não devia, Rosa!

ROSA — Vão! Vão embora, vocês!

LURDES (*A Jofre*) — Diz pro Agileu que qualquer coisa que precise, nós tamo aqui!

*As duas saem. Rosa atônita senta-se em uma cadeira. Jofre permanece de pé, não sabe qual atitude tomar.*

ROSA — Pode ir, Jofre. O recado está dado!

JOFRE — Conta o dinheiro pra vê se dá!

ROSA — Dá sim, dá!

JOFRE — Eu podia não simpatizar muito com a senhora, mas nunca esperei uma coisa dessas!

ROSA — E adianta explicá, adianta? Não vão ficá sempre com essa cara de juiz? Juiz de julgamento feito, selado, acabado? Sou safada já, não sou? Então! Pode sumí, não vou chorá, não!

JOFRE — É o melhó. Quando der jeito, Agileu se explica consigo!

ROSA — Não se preocupe!

JOFRE — Tá aí o dinheiro! (*Dirige-se para a porta.*)

ROSA — Jofre!

JOFRE (*Parando*) — Hein?

ROSA — Agradece teus companheiros por mim.

JOFRE — Tá... (*Dá mais alguns passos.*)

ROSA — Por amor de Deus, Jofre! Por Agileu! Por tudo que vocês possam ter de mais sagrado, acredita em mim! Acre-

ditá! Eu não disse aquilo, não disse. Nada daquilo eu disse! Falsidade, traição... Aproveitaram do meu cansaço, do meu medo, Jofre!... Jofre, você me conhece. Eu podia ser tudo pro Agileu, menos mulher má! Nunca ia fazê traição! Ele é meu homem, meu marido! Eu acredito ainda nisso! Eu não podia, não podia! É a maior safadeza, Jofre. Mas todo mundo, todo mundo vai sê que nem você... Ninguém vai acreditá! Rosa matou Agileu!... Rosa matô Agileu!

JOFRE — A senhora não matou ninguém. Agileu tá vivo e trabalhando, é o que importa!

ROSA — É, é o que importa. Agileu está vivo e trabalhando! Rosa está por aí, judiada, traidora por decreto, de nome no jornal... Isso não importa nada! Que nem Agileu! Rosa arreventada de pouco importa, pois vamos deixar de sentimentalismo, não é?

JOFRE — A senhora tá ficando nervosa. É melhor explicar tudo diretamente pro Agileu!

ROSA — Quando? Quando vou vê Agileu? Daqui um ano, dois? Quando? Pensa que é a primeira vez que ele some por causa de polícia atrás, pensa que é a primeira? Quando eu vou ver Agileu?

JOFRE — Nós damo um jeito de arrumá o encontro!

ROSA — Eu sou mulher dele e vocês arrumam o encontro! Ah, mas o que mais me arrasa é vocês nem pestanejá, acreditá de cara! Nem pra perguntá como é que foi!

JOFRE — Eles não são besta. Se informam uma coisa dessa é porque têm prova! Não se deve subestimá a reação!

ROSA — Mas não é verdade. É que eu assinéi uma folha em branco!

JOFRE — Pior ainda!

ROSA — Eu não sabia, juro que eu não sabia! Ele leu antes a carta que era pra eu assinar. Não tinha nada demais... Tal-

vez tivesse, mas eu não percebi. Eu até que não queria, mas ele falô que ia demorá... Eu tava cansada, com medo!... E juro que agüentei firme. Agüentei como nunca pensei que pudesse!...

JOFRE — É difícil de acreditá!

ROSA — Acredite ou não, foi o que aconteceu!

JOFRE — A senhora explica tudo direito pro Agileu!

ROSA — E você?

JOFRE — Eu vou indo!

ROSA — Vocês chega até a ficá contente, não é? Vocês nunca puderam me agüentá. Eu sempre incomodei vocês, é ou não é? Pois era a única a dizê pro Agileu cuidá da vida dele... E se tivesse me ouvido, nada disso acontecia. Podia está aí bem empregado, sem preocupação!

JOFRE — A vida particular de vocês não me interessa!

ROSA — Não interessa mas arreentaram com ela! E agora ficam aí com essa cara de falso escândalo, bem contentes de poder me separar dele!

JOFRE — A senhora está enganada!

ROSA — Não sou boba, não! Pensa que eu não sei que mesmo que vocês tivessem a certeza que toda essa história não passa de uma intriga, não iam mexê uma palha pra convencê Agileu!

JOFRE — Isso é falso!

ROSA — Iam até intrigá cada vez mais, cada vez mais!

JOFRE — Não diz bobagem, dona Rosa!

ROSA — Verdade, verdade crua! Vocês querem o Agileu todo pra vocês, a toda a hora, todo o instante. Pouco importa o

resto. Só as tais tarefas do Agileu... Agileu vivo e trabalhando! Nem filho o Agileu quer ter e por culpa de vocês!... Nem filho ele quer ter!

JOFRE — Agileu é um verdadeiro militante, um homem de Partido. Quem dera fossem todos como ele!

ROSA — Pobre do mundo é o que eu digo! Ia ter um batalhão de mulheres infelizes e nenhuma criança mais ia nascer!

JOFRE — Eu arranjo o encontro. A senhora desabafa com o Agileu!

ROSA — Vai negá que vocês nunca me suportaram? Que viravam a cara pra mim, que ficavam com raiva quando o Agileu aparecia nas festas de vocês comigo junto? Vai negá?

JOFRE — A senhora não é companheira pra Agileu!

ROSA — E quem é que vai julgá?

JOFRE — Nós sabemos quais as companheiras que nos servem!

ROSA — E julgamento feito, eu não sirvo?

JOFRE — A senhora não é da classe operária!

ROSA — Eu não sou? Vinte anos me matando de trabalhá, de manhã à noite nessa casa de cima pra baixo; sem roupa decente pra vestí, vendo as rugas na cara sem poder fazer nada; agüentando início de apendicite, perdendo os dentes, cabelo ficando branco bem antes do tempo, sem um tostão pra procurá médico; uma vontade doida de ter uma criança pra alegrá esta sala, e um marido de ferro que escolhe hora e dia pra dormí comigo; e esse sofrimento todo pra que? Pra sê chamada de grã-fina?

JOFRE — Ser operário não é sofrer. É pensá diferente, é ter confiança no futuro. A senhora só se preocupa consigo mesma. Quer viver bem com sua família e pouco importa o resto. A senhora é uma pequena-burguesa, isso é que é!

ROSA (*No auge do desespero e irritação*) — Pequena-burguesa, classe operária, vanguarda, estou farta de tudo isso! Pois agora tem um paredão separando as pessoas? Vou usá distintivo: Classe operária, pequeno-burguesa?

JOFRE — A senhora está sendo esperta, mas não pense que me engana. Tudo isso não prova que a senhora não seja uma traidora. E uma traidora covarde!

ROSA — Ah, meu Deus, meu Deus!

JOFRE — Eu aviso quando é o encontro com o Agileu!

ROSA — Não aparece mais na minha frente. Não quero vê vocês nem pintado! Cansei, viu? Não tenho mais nada a vê com isso, eu! Não tenho nada a vê com isso. Mas some daqui! Já! Some daqui!

*Jofre observa-a ainda por um instante e depois sai. Rosa atira-se sobre a mesa chorando desesperadamente.*

### CENA III

*SAIDA DA FÁBRICA. A sirene da fábrica que anuncia a hora do almoço, dá início à cena. Os operários saem do portão da fábrica, marmita na mão, e sentam-se à porta da empresa para a refeição. O primeiro operário a sair lê atentamente um jornal. Com um gesto de reprovação, passa o jornal para o companheiro mais próximo que procede da mesma maneira. Quase todos lêem o jornal. Estão presentes, além de Cipriano e Jofre, os três operários que compareceram ao velório.*

OPERÁRIO 1 (*Último a ler o jornal*) — Grande vaca, essa mulher! Grande vaca! Pode-se falar tudo de Agileu, menos que ele não seja um sujeito às direitas!

OPERÁRIO 2 — Escolhe-se melhor antes de casar!

OPERÁRIO 1 — Conversa! Isso não vai de escolha, não! Você mesmo que tá aí falando grosso! Amanhã tua mulher te corneia e você nem sabe por que. Infelicidade, ora! Eu tenho pena. Nunca fui muito com a arrogância do Agileu, não. Mas agora que ele tá por baixo, tenho dó. Tenho mesmo!

OPERÁRIO 2 — Dá um pedaço do teu bife aí e deixa de panca!

OPERÁRIO 1 — Você deve tá com solitária, compadre. Você come que eu vou te contá!

OPERÁRIO 2 — Isso lá é comida pr'um homem do meu corpo?

JOFRE (*Do outro lado, para Cipriano*) — Como é que estão as coisas?

CIPRIANO — Basta olhar pra cara do pessoal! Tá todo mundo fulo de raiva!

JOFRE — A fila no cemitério até me espantou...

CIPRIANO — Agileu dessa vez tá com a razão! O negócio é sair a passeata hoje, amanhã apelar para a greve, opinião pública do nosso lado, boró pela imprensa.

JOFRE — A greve eles num tão topando muito, não. O que o pessoal tá querendo mais é desabafá pela rua. Arriscar ordenado ninguém tá querendo.

JOFRE — Vamo vê!

CIPRIANO — Você falou com a Rosa?

JOFRE — Falei.

CIPRIANO — Mulher safada!

JOFRE — Não sei, não!

CIPRIANO — Já vem você. Aposto que a cretina desandou a chorar e você foi na onda.

JOFRE — Ela falou com sinceridade. Disse que assinou o papel enganada... sei lá...

CIPRIANO — Assinou, porque quis...

JOFRE — Ela assinou em branco... no fundo até que eu entendo.

CIPRIANO — Ai, ai, ai... Não se deixa levá pela emoção, companheiro. Nós fizemos até demais em entregar o dinheiro pra ela, não vamo fazê agora da mulher uma santa.

JOFRE — É, eu sou meio mole mesmo. Mas ela tava sendo sincera, viu.

CIPRIANO — Quando assinou?

JOFRE — Deixa de ser malvado, Cipriano...

CIPRIANO — Malvado, eu? Experiência, Jofre. Muito coice que eu já levei... (Pausa.) Estão prontas as faixas?

JOFRE — Quase todas.

CIPRIANO — Vamo animá o pessoal. (Levanta-se e aproxima-se do primeiro grupo. Jofre permanece pensativo, comendo; um outro grupo de operários comenta.)

OPERÁRIO 3 — Pra mim é gazeta. Que adianta passeata? Ficá que nem besta pela rua berrando pro povo rir... vontade de vagabundá...

OPERÁRIO 4 — Eu vou só de farra!

OPERÁRIO 3 — Eu só pra não discutir. Nunca vi pessoal mais bobo. Queria saber só o que adianta ficar de berro pela rua... num enche barriga!

JOFRE — Mete medo. Mexe com os aborrecimentos de todo mundo. O povo todo sente a tua fome e perde um filho também, na mesma hora. (Jofre vai em direção a Cipriano, que está distribuindo panfletos. Américo vem saindo da fábrica.)

OPERÁRIO 1 — Olha lá, velho, é o Américo!

OPERÁRIO 2 — Coitado do velho!

OPERÁRIO 3 (Do outro lado) — Olha lá o Américo.

OPERÁRIO 4 — Coitado do velho!

*Quase todos se dirigem a Américo.*

JOFRE — Ôi, Américo, como é que é?

AMÉRICO — Tamo aí. A vida continua.

CIPRIANO — Firme com a gente hoje, não é, Américo?

AMÉRICO — Pra que isso, não adianta nada!

JOFRE — Seu filho, Américo!

AMÉRICO — Meu, sim. (Procura afastar-se.)

HOMEM 1 — Deixa o velho. Já basta o que o Agileu fez ontem.

OPERÁRIO 2 — O quê?

HOMEM 2 — Lá no velório que ninguém foi!

OPERÁRIO 1 — Que foi que houve lá?

HOMEM 1 — Esses ateu aí, desrespeitando o morto!

JOFRE — Não engrossa não, velho! Agileu é meio durão. Mas não desrespeita ninguém.

HOMEM 2 — Não vem com farofa, que ocês não tavam lá. A gente é que viu!

OPERÁRIO 4 — Mas o que foi?

HOMEM 1 — Já falei. Desrespeitou todo mundo lá... fazendo comício que nem louco!

CIPRIANO — Alguma razão tinha de ter...

HOMEM 2 — Faltou com o respeito, perde toda a razão...

HOMEM 1 — O homem lá todo chorando, e o Agileu querendo levá o cara na amarra pra fazê agitação... Isso é coisa que se faça!

JOFRE — E por que não?

HOMEM 3 — Ah, meu camarada, vocês metem política em tudo! Até na morte!

CIPRIANO — E Toniquinho não morreu por uma questão política?

JOFRE — Econômica pelo menos foi.

AMÉRICO (*Voltando*) — Morreu com um braço preso na máquina.

CIPRIANO — Morreu por estar fraco, sem alimentação.

AMÉRICO — Morreu aqui, como podia ter sido atropelado!

JOFRE — Morreu porque não sabia cuidar da máquina!

OPERÁRIO 1 — Ah, isso foi! Eu é que estava ensinando!

CIPRIANO — Morreu pela ganância do pessoal da gerência! Não queriam é pagar salário de oficial...

AMÉRICO — Lá em casa nunca faltou comida na mesa...

OPERÁRIO 4 — Ah, isso já é orgulho!

OPERÁRIO 3 — Vai dizê que não dá duro pra comer, Américo?

AMÉRICO — Eu não admito que falem mais do meu filho.

OPERÁRIO 2 — Ninguém tá falando dele!

OPERÁRIO 1 — Ah, morreu porque tinha que morrer, pronto!

CIPRIANO — O que está errado é a gente bater papo em vez de tomar providência.

OPERÁRIO 2 — Não precisa se preocupar não, ô vermelhinho! Nós vamos pra passeata... só pra desabafar!

OPERÁRIO 1 — Falou o Berimbau da Mooca!

AMÉRICO — Vocês me deixam comer em paz... pelo menos... pelo menos!

HOMEM 2 — Deixa ele, gente!

AMÉRICO — Primeiro almoço que faço sem meu filho perto pedindo a sobremesa...

HOMEM 2 — Afasta, vai, gente!

AMÉRICO — Primeiro almoço que faço! Ah, dá vontade de mandar tudo à merda! Que adianta isso tudo. Sair pra rua, passeata, agitação... agora! O garoto morreu, não morreu? Tá enterrado, não está? Que adianta, então? Vão todos se daná!

OPERÁRIO 4 — Ah, não vem com bronca, não!

AMÉRICO — Tiro na cabeça! Essa é a solução! Quem é que não teve? Quem é que não teve vontade de metê um tiro na cabeça, hein? Quem é que não teve...

CIPRIANO — Calma, bichão! A gente entende!

AMÉRICO — Entende nada, entende! Pois bem fez o cara lá do bairro. Conselho de família. E uma bala em cada um... resolveu!...

JOFRE — Que é isso!

AMÉRICO — Me dá inveja a coragem dele... Inveja, sim. E é o tiro mais humilhante do mundo, não é?

HOMEM 1 — É sim, meu velho, é!

HOMEM 3 — Ahhhh! A que horas é a passeata?

JOFRE — Na saída! Amanhã, conforme a assembléia, greve!

HOMEM 3 — Tou aí, viu... marca meu nome... Tou aí...

OPERÁRIO 1 — Vai todo mundo, pronto!

HOMEM 1 — Vou tomar uma cachaça! (*Afastam-se Homens 1, 2 e 3, e Operários 3 e 4.*)

CIPRIANO (*Acocorando-se junto a Américo*) — Américo, meu velho, só o que a gente quer é que nada disso aconteça mais... todo mundo está sofrendo com você!

AMÉRICO — Me deixa, Cipriano! E fica sabendo, não vou a passeata nenhuma! Se me perguntarem, digo que sou contra. Não quero meu filho avacalhado por aí. Morreu, chega! Deixa a alma dele em paz...

CIPRIANO — Mas Américo!

AMÉRICO — Já disse. E depois, não sou tão importante assim... (*Levanta-se e vai em direção à porta, no instante em que sai João carregando a marmitta. Pousando a mão no ombro do rapaz.*) Não morre, meu filho, não morre!

JOÃO — Sim senhor!

*Américo e Cipriano saem. João fica sozinho. Senta-se e começa a comer sem vontade; Agileu surge da esquerda, caminha batendo um jornal na perna.*

AGILEU — Companheiro, você viu o Jofre por aí?

JOÃO — Estava no portão, agora mesmo. (*Agileu faz menção de se afastar.*)

JOÃO — Agileu! Acho melhor não ficar por aqui. Tem polícia na fábrica!

AGILEU — Já sei. Vim só saber da passeata. Ah, você é o garoto que não quer mais nada com a gente, não é?

JOÃO — É!

AGILEU — Hum! E não vai topar a passeata?

JOÃO — Não!

AGILEU — Coerente.

JOÃO — Eu avisei que tem polícia na fábrica, tô ajudando, não tô?

AGILEU — Isso não compromete muito, não é?

JOÃO — Vocês perdem gente é com essa mania de ofender!

AGILEU — Adere à passeata, menino: quanto mais gente, melhor!

JOÃO — Já expliquei pro Cipriano!

AGILEU — E ele chorou muito, e acabou resolvendo que também não quer mais saber de nada!

JOÃO — Ele também quis me ofender, como você.

AGILEU — Você parece um menininho! Coragem, moço! Não tem porque se assustar!

JOÃO — Mas não tem nada de susto! É só que eu acho que não adianta!

AGILEU — Como você é ignorante, infeliz! Tudo que conseguimos foi à custa de luta! Essas leis trabalhistas mesmo, que não são grande coisa, mas que melhora, quem foi quem deu?

JOÃO — Getúlio Vargas!

AGILEU — O Gegê assinou. Quem conseguiu de fato fomos nós. Com luta e mais luta. Com passeatinha também. Berro na rua, como tem gente que diz. . . E o Gegê assinou. Pra poder ser ditador, hein? E por quê? Para conquistar as grandes massas, principalmente a classe operária.

JOÃO — Hum. E daí?

AGILEU (*Irritando-se de repente*) — E daí, sua grande besta, o futuro é nosso! Não se admite que um operário, um jovem como você, tenha medo. Entendeu?

JOÃO — Tenho responsabilidade. Meu filho vai nascer daqui a dois meses.

AGILEU — Quem está grávido, é você ou sua mulher, hein?

JOÃO — Alice precisa de mim. Eu preciso de dinheiro. Não posso perder dia com porcaria de greve nenhuma!

AGILEU — Mentira! Que em greve vitoriosa ninguém perde dia!

JOÃO — Não quero me meter nisso e pronto, meu Deus! Agora já é de birra!

AGILEU — Covardia! Prefere ser imbecil do que covarde. Já é um progresso!

JOÃO — Ah, vai andar, vai, Agileu!

AGILEU — Você não tem vergonha? Eu estou aqui, conversando com um moleque pra convencer ele a lutar pelos seus direitos, com a polícia política atrás de mim. E estou aqui, conversando com um moleque grávido e medroso que não quer defender nada!

JOÃO — Não tenho nada com sua vida!

AGILEU — Tem. Temos. Cada um aqui depende dos outros. Você não fazendo nada, arrasta todo mundo pro parado. Como se a gente tivesse corrente amarrando os braços. Entendeu? Não. Você não entende nada; só que está grávido!

JOÃO — O que é que você quer afinal? O que é que você está querendo?

AGILEU — Meu menino, quero apenas que você se encontre com você. Que exista. A gente só existe, lutando. . .

JOÃO — Sai de perto de mim. . . velho!

AGILEU — E amanhã se a gente consegue aumento, melhor lugar de trabalho, você não vai ter vergonha?

JOÃO — Sai de perto de mim!

AGILEU — Não vai ter vergonha de saber que não fez nada? E está usando o que os outros conseguiram, com preocupação, com medo também? Com muito medo?

JOÃO — Ai, meu Deus, o que eu faço!

AGILEU — Luta com teus companheiros, infeliz! Você é mais culpado do que os outros se não fizer nada. Você quis até mesmo entrar pro Partido, assistiu reuniões. Falou em desejo de luta.

JOÃO — Eu me entusiasmei. Não entendia direito. . . Vai embora. . .

AGILEU — Não disse que seria capaz de dar a vida pelo Partido, quando ninguém te pedia isso? Disse ou não disse?

JOÃO — Isso não!

AGILEU — Na primeira reunião que você compareceu. Lembro bem. Até jurou com mão estendida. . .

JOÃO — Eu estava emocionado. Nunca tinha ido antes a nenhuma reunião. Achei bonito e disse bobagem. Não morro por ninguém eu, fica sabendo. Só por minha mulher e meu filho. . . E já é muito, que tem gente aí que nem pelos filhos! . . . Nem pelos filhos! . . . Me leram o jornal, viu, Agileu. Me leram o jornal. . . O que sua mulher diz, pra mim basta! . . . Já morei na jogada de estalo. Eu, vocês não pegam. . . Pra

vivê é gostá da família e ficar com ela... Pensei muito, fica sabendo... Pensei muito!...

AGILEU (*Exaltando-se como nunca*) — O que Rosa disse é mentira! Mentira podre, imunda... Nem pode ser Rosa que disse... Esse sim é problema meu. Que o que Rosa disse ofenda a mim e me arrebente é ainda de se aceitar, mas que faça que vocês duvidem de uma coisa maior do que, maior do que nós todos juntos!... Não! Nem que seja pra acabar com Rosa. Nem que seja pra acabar com ela, que eu nunca conheci tão diferente... tão... ah, menino, que você quase me pega... Mas não vamos fugir do ponto: se você tiver um pouco de honestidade deve saber que nada do que disse justifica fugir das lutas dos teus companheiros...

JOÃO — Ah, não me aborrece! (*Vai para sair.*)

AGILEU (*Agarrando-o*) — Agora sou eu que digo. Nem que seja por birra, você vai me responder...

JOÃO — Me solta!

AGILEU — Por quê? Por que não vai com a gente?

JOÃO — Não quero!

AGILEU — Um homem na tua condição não tem vontade. Não é livre. Você vai!

JOÃO — Quero ver! Quero ver me obrigá!

AGILEU — Você mesmo. Você mesmo tem de se obrigá!

JOÃO — É melhó me largá... Eu berro e chamo a polícia!

AGILEU — Chama! Fica sendo mesmo traidor. Chama!

JOÃO — Não me provoca, Agileu!

AGILEU — Vai, berra. Trai! Vai!

JOÃO (*Quase chorando de raiva e dor*) — Pra que isso? Pra que isso? Larga de mim!

AGILEU (*Deixando-o*) — Está vendo? Você não é de trair ninguém! Ouve, menino. Você podia ser meu filho. Filho que eu não tenho. Que você vai ter. Luta por ele, ao menos. Dá uma tradição de luta pra teu filho, moleque bobo!...

JOÃO — Estou achando é que você é doido!

AGILEU — Sou não!

JOÃO — Nunca vi coisa assim! Não me lembro de meu pai, mas ele devia ser desse jeito!

*Ouve-se, estridente, o apito da fábrica. Os operários surgem correndo e entram pelo portão. João recua de costas ainda apertando o braço magoado. Agileu permanece plantado, de pé. Escurece.*

#### CENA IV

*SALA DE MÁQUINAS DE UMA FÁBRICA — (Os operários trabalham em ritmo acelerado. Entre eles está Américo. Ruído rítmico das máquinas.)*

OPERÁRIO 1 — Ei, Cabeleira! Cabeleira!

OPERÁRIO 2 — Fala suave!

OPERÁRIO 1 — Uma grevezinha até que não ia mal, hein?

OPERÁRIO 2 — Sai pra lá, não quero não!

OPERÁRIO 1 — Deixa de bobeira, rapaz! A gente gruda na sinuca que eu nem te conto. Garanto que levava mais pra casa!

OPERÁRIO 3 — Olha a'tenção no serviço!



OPERÁRIO 1 — Cala a boca, ô servente da gerência!

OPERÁRIO 3 — Servente é a mãe!

OPERÁRIO 1 — A tua, melindroso!

OPERÁRIO 2 — Cuidado aí. Vai perdê o braço você também!

OPERÁRIO 1 — Tá louco, camarada. Sai pra lá!

OPERÁRIO 2 — Não chateia não, você aí. Fica pra lá com teu serviço!

OPERÁRIO 1 — Deixa ele, tá com medo do capataz. Meu tempo de cacau já passou. Agora sou é especializado. Se quisé me despedí, é só fazê sinal. Tem indústria à beça me procurando!

OPERÁRIO 2 — Fala, Tapioca!

OPERÁRIO 3 — Olha a arruaça!

OPERÁRIO 1 — Olha o quê, rapaz! Amanhã vai fedê mesmo. Deixa quebrá desde hoje. Quero só ver dá a bronca! Mete lá, Cabeleira, você que é meu fã. *(Começa a cantar batendo o ritmo com uma chave na máquina. Os outros acompanhando.)*

Viajei de pau-de-arara  
Quarenta dias em um mês  
Com mulher e cinco filhos  
Vinha fugindo do xadrez!

TODOS — De pau-de-arara eu vim,  
No pau-de-arara eu fiquei  
De pau-de-arara eu vim,  
No pau-de-arara eu fiquei

OPERÁRIO 1 — Um coroné muito abusado  
Que Deus quis fosse patrão  
Roubou todo meu ordenado  
Nem pensei, taquei-lhe a mão!

TODOS — De pau-de-arara eu vim etc.

Houve rolo, houve grito,  
Muita gente atrás de mim  
Peguei no meu tabuco  
Nunca vi correr assim.

TODOS — De pau-de-arara eu vim...  
No pau-de-arara eu fiquei...

AMÉRICO — Pára!... Pára!

OPERÁRIO 1 — O que foi?

AMÉRICO — As máquinas, pelo amor de Deus. As máquinas,

OPERÁRIO 1 — O que foi, Américo?

AMÉRICO — As máquinas, pelo amor de Deus. As máquinas, pára! Pára a engrenagem. Olha o braço. Olha o braço dele!

OPERÁRIO 1 — Calma, velhão!

AMÉRICO — Pára as máquinas, tô pedindo por tudo quanto é sagrado!

OPERÁRIO 2 — Parem as máquinas!

OPERÁRIO 4 — O quê que há?

AMÉRICO — Olha o braço. O bracinho dele!

OPERÁRIO 2 — Pára essas porcarias!

AMÉRICO — Agüenta, minha esperança, agüenta. Só um pouco. Já pára! Já pára tudo. Não grita, filho. Não grita... Já parou, tá parando...

*As máquinas param uma a uma. Os operários precipitam-se sobre Américo.*

OPERÁRIO 1 — Que foi, meu velho? Que foi?

AMÉRICO — Olha lá o que foi. Olha lá, tá sangrando! Vamo tirá ele de lá. Vamo tirá. Ajuda, baiano, ajuda!

OPERÁRIO 3 — Chi! Danou!

OPERÁRIO 2 — Bico!

OPERÁRIO 1 — Onde, meu velho, onde?

AMÉRICO — Ali, ora! Vamos lá. Vamos...

OPERÁRIO 1 — Deixa. A gente faz!

AMÉRICO — Não. Eu. Eu vou. Calma, filho. Agüenta um pouco. Que nem homem. Como te ensinei, hein? Como te ensinei!

OPERÁRIO 3 — É melhó agarrá ele!

OPERÁRIO 2 — Deixa o velho...

AMÉRICO — Eu não consigo chegá lá. Num consigo. Me acode, minha Nossa Senhora, me acode! Eu não consigo chegá lá!

OPERÁRIO 1 — Deixa ele. Deixa ele!

OPERÁRIO 2 — É melhó agarrá. Ele vai fazê bobagem!

AMÉRICO — Baiano me dá tua mão. Baiano ajuda o pai do menino, baiano. É o pai do menino... Cadê? Cadê ele?

OPERÁRIO 3 — Tá louco de tudo. Vamo segurá!

OPERÁRIO 4 — Corre pelo outro lado!

AMÉRICO — Saiu! Largou o braço! Tá salvo, filho. Teu pai nem pôde ajudá. Foi Deus. Salvo, minha esperança!

OPERÁRIO 3 — Vai.

*Correm sobre o velho.*

AMÉRICO — Solta de mim, não chega perto!... Toniquinho, não! Não, Toniquinho. Me solta, gente! Olha lá o Toniquinho, tá subindo sempre. Sobe que nem louco! Ah, menino, o trabalho que você dá! Toniquinho, não sobe mais... Está no andaime!

OPERÁRIO (*Procurando segurá-lo*) — Ajuda aqui!

OPERÁRIO 2 (*Tentando também*) — Coisa de louco!

AMÉRICO — Espera o pai!... Espera o pai!... Cadê, cadê Toniquinho? (*Sorrindo.*) Olha lá, é o Jurandir!... O Filinto!... Oh, gente boa! Olha lá, pessoal; aquele ali de bodoque na mão foi meu companheiro no grupo. O grupo de D. Zezé... D. Zezé!... Mas me larga!... Vem conhecê, Toniquinho, é compadre de seu pai, por triz não foi padrinho de você... Vamo rí, gente, que é dia de festa, Filinto! Filinto voltou, tem feijoada com pinga!... Me larga já disse! (*Com um arranco se livra.*)

OPERÁRIO 1 — Américo, meu velho, tem calma!

AMÉRICO — Pois o que é, que foi? Pra que olhá? É o Jurandir, Filinto. Gente boa, meus companheiros, gente boa! Não precisa arreceiar...

OPERÁRIO 1 — Vem comigo, Américo!

AMÉRICO — Gente boa. Tudo de cara espantada... Olha só, Filinto... Filinto!? Cadê você... Jurandir!... (*Num grito.*) Tônico! Ah!... É mentira, mentira desgraçada! Eu quero vê!... de novo!

OPERÁRIO — Agora, agarra. Agarra!

AMÉRICO — Vida podre! Essas porcarias de malditas máquinas!

OPERÁRIO 2 — Segura que agora é duro!

AMÉRICO — Cansei!... Hoje eu cansei!... (*Pega um martelo e, gritando, atira-se contra as máquinas batendo rijo.*) Que-

bra essas porcarias, vamo voltá pro mato! Todo mundo pro mato... Quebra!... (Ri.) Quebra!

OPERÁRIO — Agarra!... Agarra agora!

AMÉRICO (*Ameaçador, martelo em punho*) — Quem chegá eu amasso, esfarelo a cabeça, esfarelo de um golpe só! Martelo duro! Ai que sou áspero! Sou de terra!

OPERÁRIO 1 — Cuidado, Cabeleira!

AMÉRICO — Abre!... Abre que um barranco vai passá!... Passa! Caiu, espremeu o trem! Grita, gente, grita!... De dor!... Ahhhhhh!

*Desaparece aos gritos seguido por um grupo de operários.*

VOZ DE AMÉRICO — A ordem é quebrá!... É o pai Américo quem fala!... Sabe com quem está falando?!...

OPERÁRIO 3 — Segura ele, tá subindo a escada!

OPERÁRIO 4 (*Passa correndo*) — Cerca de cima, está nos travessões!

VOZ DE AMÉRICO — Sabe com quem está falando?! Mãe, cadê você?... Não liga, não, Mãe — nunca podia ser melhor, nunca!

OPERÁRIO 2 — Ajoelhou no travão!

OPERÁRIO 1 (*Gritando*) — Cerca ele. Vai pela corrente!

OPERÁRIO 4 — Cuidado, velho, cuidado.

AMÉRICO — Não vem, meu camarada, não se mata!... Cuidado aí... Não se mata por causa desse velho!... Ai que folia, meu Deus!

OPERÁRIO 1 — Vai, rapaz, vai!

VOZ DO OPERÁRIO 1 — Vai, rapaz, vai!

AMÉRICO — E agora todo o mundo vai ouvi, parado. Empregado e patrão, homem e mulher, criança não tem mais que Deus é bom e levou consigo! Deixo pra testamento vinte e tantos anos de trabalho de sol a sol, eu juro pra todos vocês; uma família na desgraça, uma velha sem ninguém...

VOZ DO OPERÁRIO 3 — Não faz besteira, Américo. Espera aí. Estou indo, espera, estou indo aí!

AMÉRICO — E um corpo que não vale nada; nem precisa ter cuidado. Adeus Mãe. Que Deus me perdoe, se existir!

VOZ DO OPERÁRIO 3 — Não, louco, não!

OPERÁRIO 1 — Américo, não!

*Todos correm. Ouve-se uma sineta de alarme; o palco fica vazio por alguns instantes. Depois, um a um, voltam os operários para suas máquinas, que são ligadas uma a uma...*

OPERÁRIO 3 — Eu vou pra casa. Num agüento mais!

OPERÁRIO 2 — Hoje a passeata não sai...

OPERÁRIO 1 — Grande merda! (*Escurece.*)

*Praça da igreja. É noite. João e Alice surgem abraçados, saindo do sobrado.*

ALICE — Brrr! Esfriou!

JOÃO — Falei pra vesti o casaco. Vai garoá.

ALICE — Precisa não.

JOÃO — Vai pegá gripe!

ALICE — Melhó pra criança, nasce vacinada... Vamo até o bar?

JOÃO — Tem muita gente lá.

ALICE — E daí? Melhor!

JOÃO — Gente da fábrica. Não quero ver. Devem está falando do caso...

ALICE (*Estremecendo*) — Não é pra menos.

JOÃO — Ai, barrigudinha, que foi horrível! Cheguei a ver!... Que coisa, meu Deus!

ALICE — Não fala mais disso, João. Já te pedi...

JOÃO — Desculpe, santa. Mas é duro esquecer. É duro não falá... Me deu um desassossego que, ah! meu Deus!...

ALICE — E a família dele?

JOÃO — Nem quis sabê!... Levaram o corpo pro necrotério. Vão abrí inquérito. Tão desconfiado que atiraram ele... Ah, que confusão que deu!... E sabe o pió! O trabalho não parou, continuou todo mundo na produção. A fábrica tava que era um silêncio só. Nenhuma voz. Só as máquinas... Nunca senti um peso assim, parecia que tinham me esvaizado por dentro.

ALICE — 'Ocê tá tão esquisito, João.

JOÃO — Não sei o que é... Esses dias tou começando a perceber uma porção de coisas...

ALICE — O quê?

JOÃO — Isso é o que me arde. Eu também não sei. Dá medo só. É uma confiança que eu tinha, como se fosse coisa certa que ninguém pudesse tirar... E agora está sumindo. Parece corda bamba. Desconfio do amanhã, da vida do moleque, de mim...

ALICE — Por quê?

JOÃO — Sei lá... A gente cresce, viu. E eu estou crescendo rápido. É como se eu acordasse de manhã e encontrasse toda a roupa curta e apertada... Sei lá...

ALICE — Você tá é cansado, João. Anda se preocupando muito.

JOÃO — Deve ser. Aquela conversa com o Agileu me estragou por um ano... Aquele homem é louco...

ALICE — Com que direito ele queria te forçá?

JOÃO — Ele só queria que eu dissesse porque não ia à passeata.

ALICE — Não vai porque não quer, ora!

JOÃO — Eu gritei isso mil vez... e ele insistia: "— Por que não quer? Prefere ser imbecil do que covarde?", ele disse... — E é verdade, no fundo me dá vergonha de não ir...

ALICE — Vida complicada, não é, João?

JOÃO — Oh, se é! E não adianta, viu... Minha vontade é berrá por aí: me esquece, gente. Eu não estou pedindo nada demais... Eu quero ficá sossegado, ter minha família em paz, sustentá meu filho. Mas não. É problema em cima de problema... Eles têm de te meter nos bolo... Ah, que eu tou farto!

ALICE — Ah, não pensa mais...

JOÃO — Depois, dá a loucura neles e a gente é que se dana... É que nem guerra, os que tão de fora é que pagam o pato. Os cabeças, não! Sempre levam a melhor... Dá vontade de sumí...

ALICE — Você nunca viu guerra!... Descansa. Encosta a cabeça em mim. Assim. Me dá a mão...

*João recosta-se em Alice e fica por alguns instantes olhando para o céu.*

JOÃO — Tá preto o céu. Nem uma estrela.

ALICE — Tem um clarão vermelho!...

JOÃO — São os luminoso...

ALICE — João, o que será que ele vai ser, quando crescê?

JOÃO — Que Deus o livre de ser operário!

*Surge ao fundo um Velho com uma gaita de boca.  
Pára a alguns passos deles e começa a tocar.*

ALICE — É! Ele vai tê de estudá. É o que o doutor sempre diz na aula: o homem estudando consegue mudá coisas que ninguém pensava que pudesse. A mulher sofria prá ter filho. O homem estudou e descobriu que não precisa sofrê!... Bonito, não é, João? (*João começa a soluçar.*) João!... Que foi, João? Que foi, meu querido?

JOÃO (*Sacudido pelos soluços*) — Não sei!... Uma vontade doida de chorá!...

ALICE — Joãozinho, num faz isso... Eu choro também e faz mal pra criança!... Calma, querido, que foi?

JOÃO — Sei lá, barrigudinha, sei lá!... Uma vontade danada de sumí! De enterrá a cabeça aqui e ficá... ficá pra sempre!

ALICE — Que é isso, João... Bobo!

JOÃO — É um desperdício, Alicinha... Um desperdício!... É tudo tão bom, n'é... Tudo tão bom... e, sei lá, de repente fica tudo feio, tão feio...

ALICE — Você vai procurá um médico, João!

JOÃO — Alicinha, me entende! Você tem de me entendê!

ALICE — Fica quieto um pouco, você está cansado!

*O Velho da gaita pára de tocar e aproxima-se estendendo a mão.*

VELHO — Ajuda!... Ajuda!... Ajuda!...

*João levanta-se de um salto e fica olhando para o Velho, espantado.*

VELHO — Ajuda!... Ajuda!...

JOÃO (*Sem desfilar o Velho*) — Vamo embora, Alice. Vem!

VELHO — Ajuda!...

JOÃO (*Quase com horror*) — Vamo embora, já! (*Sai correndo.*)

VELHO — Ajuda, mocinha...

ALICE — Não tenho nada aqui...

*Alice segue João. O Velho também se afasta tocando levemente a sua gaita. Recolhe os papéis que encontra no trajeto. Palco vazio.*

VOZ DE CRIANÇA — Mãe!... Mãe!... Quero água!...

## Terceiro Ato

### CENA I

*Os operários aglomeram-se em frente ao portão. Ouvem as palavras do gerente.*

GERENTE — Posso falar em nome da empresa. Estamos dispostos a receber uma comissão organizada por vocês e discutir todas essas reivindicações. Garanto que a direção da fábrica quer fazer por vocês tudo que estiver ao seu alcance!

OPERÁRIO 1 — Vai perdoá a franqueza, mas isso é conversa que estou cansado de ouvir!

GERENTE — Antes organizem a comissão; depois, duvidem se quiserem...

JOFRE — Nós responsabilizaremos a empresa pela morte do Tonico e do Américo! Nosso movimento é de protesto!

GERENTE — Vocês estão se deixando manobrar por um grupo de agitadores profissionais.

OPERÁRIO 3 — Ninguém está sendo manobrado não! Trabalhá eu não trabalho porque eu não quero!

GERENTE — Está no seu direito. E está no nosso despedir quem não produz!

*Vaias esparsas.*

GERENTE — Vamos com calma... Pensem um pouco! Se um operário morre vítima de um acidente do trabalho, é lamentável, mas a culpa não é da empresa! Se um infeliz resolve se atirar do teto da fábrica, é uma coisa tremenda, mas a responsabilidade não cabe à empresa. Mas é evidente! Se quem acompanhar o enterro do Américo, organizem uma comissão — ela irá como representante dos operários e da gerência. — O que não pode é parar a produção! Fala-se em grande lucro, mas o que existe são despesas e mais despesas, impostos e mais impostos. A direção está solidária com a vossa dor; digo mais, hein! — com vossa revolta. Mas se houver interrupção no trabalho, iremos à falência e será o desemprego e a miséria para todos nós!

OPERÁRIO 3 — Essa não, doutor!

OPERÁRIO 4 — Deixa o moço falá!

GERENTE (*Animando-se*) — Vocês são nossos colaboradores. Foram sempre tão compreensivos, façam como os outros, entrem. Assinem o ponto e vão para o trabalho. Garanto que resolveremos todas essas questões.

OPERÁRIO 3 — Conversa!

OPERÁRIO 4 — Deixa ele falá!

CIPRIANO — O que sei é que já foram organizadas umas dez comissões e vocês nem tomaram conhecimento... Me lembro bem do ano passado, eu. Quando a turma estava resolvida a ir à greve, vocês fizeram até refeitório... Quando a onda passou, voltou tudo pra trás! É ou não é, pessoal?

VOZES — É sim! É sim!

GERENTE — Pois isso só vem provar que quando temos condições, damos o melhor. Houve condições: abriu-se o refeitório! Mudaram as condições: fechou-se o refeitório!

JOFRE — Gozado é que as condições aparecem quando a gente dá a bronca!

GERENTE — Não, não! Não vamos discutir em má-fé!

OPERÁRIO 3 — Ah, essa não!

GERENTE — Bem, quem não estiver satisfeito pode pedir a conta... Vocês não estão em maioria, não!

AGILEU (*Surgindo em meio aos operários*) — O senhor que é tão hábil, poderia me explicar por que a direção deixou o filho do Américo, que era menor e não especializado, tomar conta de u'a máquina que só pode ser manejada por operários experientes, poderia me explicar?

GERENTE — Eu me recuso a falar com o senhor! Esse homem é um agitador procurado pela polícia!

AGILEU — Estou no meio de meus companheiros e eles me garantem a palavra! Não se iludam, minha gente... Esse hominho com canudo de bacharel se recusa a falar comigo porque tem medo. Ele sabe que eu sei. Eu sei que ele é o responsável indireto por duas mortes. Eu sei que ele é capacho da direção, advogadozinho de capitalista, moral hipotecada a longo prazo! Diz ele que sentiu a morte do Américo, que lamenta a do Toniquinho. Sentiram sim, lamentam sim, mas é a indenização que terão de pagar!

GERENTE — Isso é agressão! Vocês não querem parlamentar, querem arruaça. Pois advirto pela última vez: essa passeata que vocês planejam é ilegal! A greve é ilegal! A intromissão desse agitador — ilegal!

AGILEU — E a morte de Toniquinho, é legal? E a falta de pagamento do adicional é legal? É legal esses menores traba-

lhando tempo extra? E a morte do Américo? Que acabou de dor e de miséria, por falta de esperança? Do Américo que morreu batendo nas máquinas! É legal?!

JOFRE — Boa, companheiro! (*Vozes dos operários.*)

GERENTE — Ora, vocês que se danem! (*Sai num rompante. Vaias.*)

OPERÁRIO 4 — Vamo discutí isso com calma, Agileu!

AGILEU — Discutir nada. O que eles querem é ganhar tempo.

JOFRE — O pior é que muita gente já entrou!

CIPRIANO — Que o que! Deve ter uns trinta caras aí dentro só. O grosso do pessoal nem chegou ainda!

JOFRE — Não vamos precipitá, hein, Agileu!

AGILEU — Vai, vai!

OPERÁRIO 4 — Sabe do que mais? Eu vou trabalhá. Chega de confusão!

AGILEU — Então, vai trabalhá, valente! Vai lá! Vai sê explorado quietinho!

OPERÁRIO 4 — Vocês querem mesmo é arruaça. O homem disse que queria conversá, pois então!

AGILEU — É golpe deles, companheiro! Esse pessoal é vivo. Enquanto eles conversam com cinco, o resto do pessoal entra e trabalha. A produção não pára, entendeu?

OPERÁRIO 4 — Mas vamo tentá! Se não se resolvê nada, eu topo!

AGILEU — Engatilhá a greve e depois conversá. Esse é o certo. Olha, pessoal, o negócio é o seguinte: pegamos os mais decididos e saímos em passeata agora mesmo! Conforme for partindo pra greve. O sindicato deve estar tomando as medidas legais!

OPERÁRIO 4 -- É melho esperá!

AGILEU — Não podemos deixar esfriar!

AGILEU — Vamos lá, gente, pega as faixas. Vamos receber os outros já de faixa aberta. Os manifestos tão aí, gente atira pro povo, com fé, hein!... Vamos nós que é gostoso!

OPERÁRIO 4 — Ah, que eu tô de alegre nisso!

AGILEU -- Vai por mim que você vai certo!

JOFRE — Pega lá, Cipriano... Ajuda aqui, gente!

AGILEU — Jofre, vai lá dentro e vê se arranca alguém de lá! Ação, Jofrinho, ação!

JOFRE — Tou voando!

CIPRIANO — Vem vindo o pessoal dos subúrbios!

AGILEU — Que tá esperando, corre lá! Enfia uma faixa na mão de cada um!

TODOS — Queremos pão, feijão com arroz! Queremos pão, feijão com arroz! Queremos pão, feijão com arroz!... (*Escurece.*)

## CENA II

*CENÁRIO: Escritório da fábrica. Gerente, Patrão, três policiais.*

PATRÃO — É tudo obra daquele agitador. O senhor deve prendê-lo imediatamente.

DELEGADO — Nada de precipitação. É melhor evitar qualquer prisão agora. Ele está sob vigilância.

GERENTE — Não querem saber de comissão, nem de coisa alguma... eu disse que não dava certo isso. Se é preciso pagar, paga-se logo. Evitava essa complicação toda.

PATRÃO — Você fala em pagar com uma facilidade que me estarrece! Pagar com quê? Estamos construindo três pavilhões. Três! Mais de trezentos milhões! Pagar com quê?

GERENTE — Ah, doutor, eles não deixam de ter razão.

PATRÃO — Vai, então. Adere à greve, você também. O que eles querem é tudo na boca. Querem é o ordenadozinho no fim do mês, certinho, certinho, médico, dentista, cineminha... e a empresa que se arrebente! Os senhores reforçaram o policiamento da fábrica?

DELEGADO — Já disse que não precisa se preocupar. Nem creio que aconteça nada demais...

PATRÃO — Essa passeata também deve ser evitada. Isso é uma desmoralização para a empresa, e um perigo!

GERENTE — O único jeito de evitar era prometer logo o pagamento do adicional e pronto! Evitava tudo... era só gritar aqui da janela. Concordamos em pagar o adicional e acertar as horas extras, pronto... estava tudo resolvido.

PATRÃO — Mas não posso! Entende que não posso! Não tenho com que! Desonesto não sou. Quando prometo, cumpro. Que agüentem um pouco, ora! Mais uns meses, depois acertamos tudo!

DELEGADO — Nessa altura, subiram o salário mínimo... (*O outro policial ri.*)

PATRÃO — E vocês ainda brincam? É por isso que essa terra não vai pra frente. Qual indústria o que! Monocultura! Monocultura e pronto! Chama o americano logo! Vende tudo. Sabe quanto já me ofereceram por esta indústria, os americanos? Nem imaginam, não é? Pois uma fábula. Eu não quis. Estou aqui, firme, agüentando tudo.

GERENTE — Bem, o que eu faço agora?



PATRÃO — Ficar aqui é que não adianta. Vai lá embaixo e me garante pelo menos metade da produção. Se necessário, oferece gratificação, faz hora extra!

GERENTE — Vou lá!

DELEGADO — Por que o senhor não vendeu?

PATRÃO — Sei lá! Chame de patriotismo! O nome certo é burrice!

DELEGADO — Acho que fez bem. Nosso caminho é o da industrialização. Acabar com a dependência... explorarmos nós mesmos as nossas riquezas...

PATRÃO — É o que eu digo. O senhor é comunista? *(Os dois riem.)*  
*(Pelo ditafone:)* Yolanda, manda subir quatro cafezinhos! Já!

DELEGADO — O operariado é que anda descontente! A situação está cada vez pior. É a quarta indústria que pede garantias.

PATRÃO — O que nos falta são Partidos. Não temos Partidos!

DELEGADO — Homens honestos, isso sim...

PATRÃO — O senhor como delegado, fala muito livremente!

DELEGADO — Talvez. Mas sei o que digo. O Brasil esteve a pique de seguir o bom caminho. A situação internacional decidiu para pior!

PATRÃO — Como assim?

DELEGADO — O caminho do integralismo.

PATRÃO — Não concordo.

DELEGADO — Bom. Não é minha função discutir política; devo manter sua fábrica em perfeito estado e só.

PATRÃO — Não, não. Faz bem em discutir. Da discussão nasce a luz. Mas por favor, providencie para que não permitam qualquer movimento de rua...

GERENTE *(Entrando afobado)* — Saíram em passeata... ficaram só uns quarenta operários...

PATRÃO — Só quarenta?

GERENTE — Se tantos!

PATRÃO — Eu desisto, desisto!

DELEGADO *(Ao telefone)* — Pronto... Aníbal? Me liga com o Departamento... Pronto?... Bom-dia, doutor... sim, já estou aqui. A questão de sempre, querem forçar uma greve... Saíram agora em passeata. Ilegalíssima, claro! Nenhum motivo concreto. Claro que são os comunas... Estamos atentos... acho que logo mais o senhor poderá bater um longo papo com o Carraro. Não, não, creio que um choque apenas basta. Poucos, poucos homens... não é preciso muito... Logo mais estou aí.

*O Delegado desliga o telefone. O Patrão está ao ditafone.*

PATRÃO — Yolanda! E esse café? *(Escurece.)*

### CENA III

*Ainda no escuro ouvem-se os operários gritando em refrão:*

“Queremos pão!  
Feijão com arroz!  
Queremos pão!  
Feijão com arroz!”

*Quando as luzes se acendem, vê-se João no meio do palco, como se estivesse caminhando no meio dos*

*operários. Logo atrás, surge Alice. Parece que vem abrindo caminho entre o pessoal, encontra dificuldade em chegar até João. Ela traz a marmitta. João volta-se para ela, sem parar.*

JOÃO — Que é que você está fazendo aqui? Vai embora, barrigudinha, vai!

ALICE — Eu disse que ficava com você, e fico!

JOÃO — Ai, meu Deus, barrigudinha, não complica. Isso não é lugar para mulher...

ALICE — Tem mais de cem mulheres aí, por que eu não posso ficar?

JOÃO — Sua louca. Isso é perigoso. Pode dar arruaça. Tou mandando, Alice, vai embora...

ALICE — Ninguém manda em mim...

JOÃO — Vamos embora. Eu também vou.

ALICE — Nada disso, meu filho. Agora eu fico nem que seja sozinha.

JOÃO — Você irrita, viu!

ALICE — Pode gritar, que eu estou até gostando!

JOÃO — Me dá a mão, então. Não se desgruda de mim!

ALICE — Chega até a ser engraçado...

JOÃO — Não vejo graça nenhuma...

ALICE — Grita também, João!

JOÃO — Vamo embora, Alice!

ALICE — Por que é que você veio? Mudou de idéia por quê?

JOÃO — Sei lá por quê! A cara do Agileu. O jeito dele. Achei que era minha obrigação...

ALICE — Pois é. Eu também!

JOÃO — Mas isso não é lugar para mulher. Se você atrapalhar, Alice, eu nem sei o que faço!

ALICE — Faz nada... Olha, João, que bonito! "Queremos pão, feijão com arroz!"

JOÃO — Não grita desse jeito!

ALICE — Mas é pra gritar! A gente quer mesmo: "Queremos pão, feijão com arroz!" Olha a cara daquele ali, João. Carancudo que nem ele só... Olha a raiva dele... aqueles outros estão levando na farra...

JOÃO — Não estou gostando nada disso... Alice, já fizemos nossa obrigação. Agora, vamos pra casa...

ALICE — Não dá mais pra sair, tem muita gente. Aqui tá bom!

JOÃO — Não bastava um perder o dia. Precisava vir você também. Mulher é isso mesmo... se mete em tudo.

ALICE — Não ia deixar você sozinho agora. Já que tamo morando junto de vez, tudo a gente tem de fazer junto...

JOÃO — Ah!...

ALICE — Tua mão tá gelada, João. Tá suando frio!

JOÃO — Pois quer saber? É medo sim. Não gosto dessas coisas. Aquele Agileu... Vamo embora, por favor, Alice.

ALICE — Olha lá o Agileu... parece um comandante! "Queremos pão, feijão com arroz". "Nós, as mulheres brasileiras... queremos pão pros nossos filhos!"

JOÃO — Alicinha, meu amor, deixa de escândalos...

ALICE — Todo mundo berra...

JOÃO — Deixa pra lá, não chama atenção.

ALICE — Ah, molenga! Queremos sim, queremos pão!

JOÃO — Eu sabia, olha lá!

ALICE — Que foi?

JOÃO — Polícia, o que foi! Olha só! Dois carros...

ALICE — Soldados! Deixa eles virem.

JOÃO — Tá maluca, mulher! Vamos sair daqui, já.

ALICE — Correr de soldado? Nunca!

JOÃO — Agora chega, Alice. Vamos embora.

ALICE — Me deixa, João! "Queremos pão, feijão com arroz!"  
Olha os capacetes deles! Rebrilha!

JOÃO — O pessoal tá pegando pedra, Alice!

ALICE — Não acontece nada, não!

JOÃO — Alice, chega mais pra perto... eles tão fechando a  
passagem!

ALICE — Deixa de ser bobo, João! Eles tão até rindo!...

JOÃO — Alicinha, eu tou sentindo... vai acontecer coisa aqui!

ALICE — Acalma os nervos... Olha lá o Agileu! Agileu! Tou  
me guiando por ele. Vai pra frente como se estivesse pas-  
seando...

VOZ — Dissolve! Dissolve! Avança, gente!

JOÃO — Vamo, Alice, vamos!

ALICE — Me ajuda, João! Tou me sentindo mal!

JOÃO — Eu falei pra você, sua burra!

VOZ DE AGILEU — Resiste, gente! Atira pedra! Ninguém recua!

ALICE — Ai, João, me leva daqui!

JOÃO — Agileu, carrasco, louco! Deixa a turma saí!

AGILEU — Ninguém arreda pé daqui! Resiste, turma! Essa po-  
lícia fascista! (*Gritos, tumulto.*)

*Ouvem-se uma série de vozes, tais como: "Cuidado,  
Agileu!" "Pegaram!" "Prenderam o Agileu!" "De-  
banda, turma!" "Desceram o pau!"*

ALICE — João, vamo embora!

JOÃO — Tá tudo cercado! Tão jogando gás!

ALICE — Pelo menino, João... me leva daqui!

JOÃO — Te levar como, minha santa? Cuidado aí!

ALICE — Vamos voltar pra trás...

JOÃO — Aquele é um louco, fanático!

ALICE — É, mas arrastou todo mundo pra cá!

JOÃO — Mas a mim não arrasta mais.

VOZ DE FORA — Vamos dissolver... vamos dissolver.

*Pára o refrão. Vozes exclamam. Início de tumulto.*

JOÃO — Eu tava sentindo! Olha lá, é um carro de choque! Corre,  
Alice...

ALICE — Pra onde?

JOÃO — Se abaixa, Alice! Tão atirando pedra!

ALICE — João, vou desmaiar!

JOÃO — Agüenta, santinha, não vai ser nada!

VOZES — É melhor pra vocês! Afasta! Debanda! Em cima deles!

*Ouve-se uma rajada de metralhadora. Logo após, silêncio total. Alice, como uma planta ferida, curva-se e sustém-se envolvendo a cintura de João. Este estende os punhos cerrados, num gesto de imensa, destruidora, aniquiladora dor. Escurece.*

#### CENA IV

##### DEPARTAMENTO DE POLÍCIA

POLICIAL 1 — Não. Não tinha necessidade disso não!

DELEGADO — Se fizeram é porque tinha.

POLICIAL 1 — Ora, meia dúzia de gente... Bastava um berro e punha todo mundo pra corrê!

DELEGADO — Não bastou o berro. Também acho tudo isso muito desagradável. Da próxima vez eles desistem antes de começar!

POLICIAL 1 — Como se fosse a primeira vez... A mulher que morreu vai dar um trabalho que o senhor vai ver só!

DELEGADO — Já mandei abafar!

POLICIAL 1 — Mas não consegue não senhor. Ficou cheio de repórter lá...

DELEGADO — Consigo sim! Já viu isso aqui?

POLICIAL 1 — O que é?

DELEGADO — Vê. (*Sorrindo.*) Pura sorte. Um dos tais durões de confiança deu o serviço todinho. Nem precisou perguntar nada!

POLICIAL 1 (*Lendo a lista*) — Quanto nome, meu Deus! Não será grupo dele não?

DELEGADO — Qual! Estava morto de medo. Não ia se arriscar à toa não.

POLICIAL 1 — Então, vamos embora procurá essa gente!

DELEGADO — Calma, afobado. Me traz o Agileu aqui!

POLICIAL 1 — Foi ele é?

DELEGADO — Agileu? Nunca. Ele é uma rocha. Mas a gente quebra. Traz ele aqui!

POLICIAL 1 — Hum, hum. (*Sai.*)

*Após alguns instantes entra Agileu.*

DELEGADO (*Finge estar muito ocupado com seus papéis. Depois de alguns instantes fita atentamente Agileu*) — Agileu Carraro, não é? Hum. Pode sentar. Fuma? (*Agileu recusa.*) Claro! O opúsculo “Como Proceder na Prisão” deve ser seu livro de cabeceira, não é? Artigo primeiro: “Não aceitar coisa alguma dos policiais...”. Sua folha corrida é das piores... Então, que diz a isso?

AGILEU — Só falo na presença de um advogado.

DELEGADO (*Ri.*) — É sua quarta prisão já, não é?

AGILEU — Só falo na presença de um advogado.

DELEGADO — Já ouvi, já ouvi! Você deve estar se sentindo bem agora; heróico! Soube das acusações de sua mulher?

AGILEU — Hum?

DELEGADO — Das acusações de Rosa Carraro!?

AGILEU — Não sei de nada!

DELEGADO — É pena. Fiz que publicassem em quase todos os jornais. Queria que você fosse informado. Ah, infantilidade minha! Esqueci que você só lê um. Nesse seria realmente impossível a publicação... Só fala na presença de um advogado... Mas fique tranqüilo. Não demos valor ao depoimento de Rosa. Ela falou evidentemente angustiada e, por isso, chegou a inventar fatos, detalhes improváveis... Ela te odeia, Agileu!... Não, não; não pense isso. Ela falou inteiramente livre, sem nenhuma coação...

AGILEU — Agradeço muito!

DELEGADO — Por que tanto ódio, Agileu? Você tem um olhar positivamente ofensivo. E é justo. Eu, no seu lugar, sentiria a mesma coisa. Você é um homem ferido nos ideais, no lar. Eu compreendo você... E daí está o problema: eu compreendo você bem demais.

AGILEU (*Irônico*) — Muito obrigado!

DELEGADO — Olha, meu amigo, de início vamos acabar com essas pretensões à ironia. Comigo não adianta nada e você faz papel ridículo. Informe-se mais, melhore de estilo e depois venha me ironizar. Me irrita isso! Bom. Como eu dizia, você me cria um problema: o que é que eu faço com você, hein?

AGILEU — Estou à sua disposição, doutor.

DELEGADO — Você é o homem dos grandes movimentos, das passeatas desesperadas. Responsável, hoje, por três policiais inutilizados e pela morte de uma mulher. Mulher do povo, operária que nunca se imiscuiu em política.

AGILEU — Ora, Delegado, vocês é que atiraram!

DELEGADO — Era o nosso dever. Triste, mas o nosso dever.

AGILEU — Ora, doutor!

DELEGADO — Ora, sim senhor! E não pense que digo isso procurando sensibilizá-lo. Você é um fanático. Pouco se im-

porta com a morte dessa mulher, com o desespero dessa gente, com Rosa Carraro... Nada disso tem importância! Pois aí está o problema: nada disso tem importância. Para você, a prisão, a tortura seriam a glória! Vítima da reação! O mártir! O exemplo, com biografia na contracapa da revista *Problemas*, não é isso que você quer?

AGILEU — O senhor lê a revista?

DELEGADO — Leio sempre, Agileu. Com tipos da sua espécie há dois caminhos: o fuzilamento sumário, infelizmente impraticável; ou vossa autodestruição que, pensando bem, é o que mais me agrada. É o mais inteligente, o mais humano...

AGILEU — Que história é essa, doutor?

DELEGADO — Vocês são tão quadrados, tão cegos, tão estúpidos, que a própria ação os destruirá! É um fato, Agileu. Para felicidade dos homens de cérebro, podem ser abolidas as prisões. Vossa mediocridade garante nossa vitória!... Ah, você me cansa, Agileu. Pode ir, está livre!

AGILEU — Mas o quê? Vão me meter uma bala nas costas quando sair daqui?

DELEGADO — Ah, o que me dói é que você raciocina com a mentalidade de 1917! Vai embora, Agileu. Você não é tão importante assim!

AGILEU — Pode me soltar, doutor. Mas não pense que de minha luta arredo pé! Minha opinião sobre o senhor e a classe que o senhor serve é bem conhecida. Não aceito auxílio e favores de ninguém, muito menos de fascistas!

DELEGADO — Meu pobre estúpido! Não estou fazendo favor nenhum. Você não percebe o desprezo?!

AGILEU — Está errando o golpe, doutor. Não tenha ilusão, de mim não arrancam nada! Comigo não descobrem nada, nem que fique toda a sua cambada atrás de mim!

DELEGADO — Haja paciência!...

AGILEU — Doutor, qualquer coisa que aconteça, não vou esquecer!

DELEGADO — Não esquecerá...

AGILEU — Estamos entendidos!

DELEGADO — Vai. (*Caminha para a porta.*) Ele está livre. (*Agileu sai. O Delegado fica alguns instantes sozinho. Depois com fúria:*) Agileu Carraro! (*Contendo-se.*) Não quero mais te ver aqui!...

POLICIAL (*Entrando*) — Soltou o Agileu?

DELEGADO — O que adianta ele preso?

POLICIAL 1 — Solto é muito pior. Esse sujeito é um dos poucos que têm liderança de fato. Ele vai direto pra fábrica fazê comércio, vai ver só!

DELEGADO — Você disse bem — um dos poucos líderes. Agileu preso seria imediatamente transformado em mártir. Uma enxurrada de listas, protestos, comissões. Não é?

POLICIAL 1 — Quase certo.

DELEGADO — Por outro lado, se ele traísse... imaginou?

*Escurece.*

## CENA V

*CENÁRIO: Bar na praça da igreja. João está sentado diante de uma garrafa de pinga e um cálice. Bebe de quando em quando e olha atentamente para recortes de jornal. No fundo, ténue, ouve-se a "Canção do Amor". Dois operários, a um canto, jogam cartas. É noite.*

GARÇOM — Chega, João, já bebeu demais!

JOÃO — Que o que, deixa aí! Já viu? Saiu em quase todos os jornais. Uns contam diferente... olha, nesse tem o retratinho dela... da Alice... É uma estupidez, não é? Saiu em quase todos, *Diário, Folha*, em quase todos... nesse eu saí também... olha aqui, sou eu. Sabe, ela ainda me disse; ela se lembrou... da história do chocalho, que era preto... mas nem ligava... e disse que compreendeu que estava tudo muito certo, e... que tinha acontecido já uma porção de vezes... só a gente que não sabia. Mandou eu casar de novo... como se fosse... justo. Mas teve hora em que ela não agüentou... e perguntava pra mim com os olhos tão grandes, tão lindos... porque era... eu xinguei, naquela hora... xinguei palavrão! Por quê? Por quê? Silêncio no hospital, silêncio no mundo. Toniquinho prende o braço na máquina, Américo despenca do teto... Alice espera criança...

GARÇOM — Já chega, João. Vai pra casa.

JOÃO — Que casa? Aquilo era vaga pra casal...

GARÇOM — Você não tem nenhum parente aqui?

JOÃO — Saiu em todos os jornais...

GARÇOM — Vamo pra casa, vamo?

*João não oferece resistência e é levado pelo outro até o sobrado em frente. Aproxima-se Jofre e Cipriano.*

JOFRE — Tá tudo muito certo, mas fazê o quê? É tudo confuso...

CIPRIANO — Calma, Jofre! Você precisa perdê essa mania de se afobá!

JOFRE — Mas que afobá! Tá degradingolando tudo. Já despediram uma porção!

CIPRIANO — A gente discute isso em reunião.

JOFRE (*Apontando João que sai carregado*) — Olha lá aquele coitado como ficou!... Ei, Mexicano, como é que é?

GARÇOM — Tá desse jeito, podre de bêbado... Diz que não tem parente aqui... Eu não posso também ficar de pajem...

JOFRE — O que a gente faz com ele?

CIPRIANO — Deixa, companheiro, deixa! Tem coisa mais urgente pra tratá.

JOFRE — Nessas horas é que me dá raiva... E o Agileu que não vem!...

CIPRIANO — Daqui a pouco tá aqui.

JOFRE — Sei não. Tá pifando tudo... Ah, que eu queria ter a calma dele...

CIPRIANO — Despediram o Baiano, n'é?

JOFRE — Baiano e mais um monte!... Tá arrebrandando tudo, Cipriano, tá arrebrandando tudo!

CIPRIANO — Não perde as perspectiva, companheiro...

JOFRE — Viu a massa como é que está? Todo mundo desorientado!

*Surge Agileu.*

CIPRIANO — Pronto, lá vem Agileu!

JOFRE — Até que enfim!

AGILEU — Opa!

JOFRE — Então, velho, como é que foi?

AGILEU — Sei lá. Tou estranhando. Me largaram sem mais aquela.

CIPRIANO — Pois tá aí! Tão com medo da gente; no fundo estão com medo!

AGILEU — Sei lá o que é. Nessa eles me atrapalharam!

JOFRE — Precisamo dá um jeito, Agileu... Estão despedindo gente. Hoje foi uma porção!

AGILEU — Vai ficá apavorado agora? Tudo se arruma, nada gorou ainda.

JOFRE — Mas tá pra gorá... A turma tá em desespero, não ouvem mais a gente. Se falam é pra nos gozá... Você é um que eles estão com raiva...

AGILEU — Palavra de ordem sendo justa, isso passa!

CIPRIANO — O pior é que está todo mundo emocionado. Você não viu a cara do João!

AGILEU — Que João, aquele rapazinho?

CIPRIANO — Tá que nem se reconhece.

AGILEU — O que é que houve?

JOFRE — A mulher dele...

AGILEU — Que é que tem?

JOFRE — Foi ferida e morreu!

AGILEU — Hein? Foi ela, então! Assassinos filhos da mãe. E ele?

CIPRIANO — Caindo de bêbado.

AGILEU — Infeliz! Infeliz! Ah, gente, que a luta é dura!... Estão prendendo uma porção de gente da direção. O camarada assistente foi um dos primeiros...

CIPRIANO — Ainda mais essa.

JOFRE — Mas como é possível?

AGILEU — Sei lá como é que é! Tão prendendo. Perdi todas as ligações...

CIPRIANO — Alguém deu o serviço.

AGILEU — Só pode ser!

JOFRE — Mas se estão prendendo, por que é que te soltaram?

AGILEU — Isso é que está me intrigando!

JOFRE — A nós também!

AGILEU — O que significa esse “nós”?

JOFRE — Nada... que nós também estamos intrigados. Por quê?

AGILEU — Bom, a hora é de ação. Não podemos deixar que despeçam o pessoal. Como é que está o Sindicato?

CIPRIANO — Tá uma brigalhada louca!

AGILEU — Muita gente foi trabalhar, não é?

JOFRE — Quase todo mundo... os que não foram hoje, vão amanhã. Por isso é que eles se animaram a despedir.

AGILEU — Bom, duas coisas a fazer: primeira — que o Sindicato tome atitude; segunda — expor pra massa o que está acontecendo e exigir que tome posição. Amanhã, na entrada, comício na porta...

JOFRE — É arriscado!

AGILEU — É necessário!

JOFRE — O pessoal não vai topá!...

AGILEU — Mas deixa de defensiva, infeliz! Indecisão besta. A hora é de luta!...

JOÃO — Você, velho, você! Você, que eu quase chamei de pai. Sempre falando em luta! Grita mais, velho diabo! Te disse, te chorei que minha mulher precisava de mim. Te chorei que não era minha hora de lutar por nada. Só por meu filho, eu disse! Minha vida, só por meu filho! E dizia com vergonha de olhar pra você! E meu filho deu a vida e minha mulher a dela! Seguindo você, seu louco, sujo! Assassino! (*Salta sobre ele com uma faca.*)

JOFRE — Cuidado, Agileu!

AGILEU (*Que já o dominou, segurando-lhe o braço*) — Calma, meu rapaz... meu companheiro... calma, minha criança. Não diz mais assim. Era pra nosso bem, de todos... Não fala mais isso! Minha criança, a luta é dura! Às vezes a gente enfraquece mesmo e tende para largar tudo, como uma cachoeira imensa que leva a gente... Minha criança... juro, se eu pudesse arrancava e passava pra mim todo esse sofrimento... e se fosse de fato solução ou alívio para a tua dor, que é nossa, minha, do mundo, eu deixaria que... ah! Estou ficando velho, companheiro! Não, não cheguem perto dele...

JOÃO — Você... você é o culpado... (*Agileu levanta-o nos braços e leva-o em direção ao sobrado.*) Ela também, ela também acreditava em você... ela acreditava... me disse: “Agileu vai firme na frente” e não recuou... seguiu você... assassino...

AGILEU — Todos os aviões do mundo... Prometo!

*Escurece.*

## CENA VI

*Porta da fábrica. Os operários entram batendo o ponto. Fora, um grupo discute.*

OPERÁRIO 1 — Três anos de casa, eu, e me enxotaram que nem cachorro!

OPERÁRIO 3 — Chega viu, velho! Não conta mais comigo, já chega!



JOFRE — Mas estão despedindo a três por dois, a gente precisa se mexê!

OPERÁRIO 1 — Mexê sim! Agora que aquele coitado perdeu mulher e filho. E os meus cinco estão no mesmo caminho!

JOFRE — Não diz besteira! Vamo ficá parado agora?

OPERÁRIO 4 — Isso é assunto do Sindicato, deixa pra lá. Vamo entrá gente, chega de barulho!

JOFRE — A gente precisa ter solidariedade...

OPERÁRIO 3 — E quem é que tem comigo?

JOFRE — E se fosse com você, já imaginou?

OPERÁRIO 3 — Que o que! Ninguém ia se meter, garanto. Tchau, vai! Vocês gostam é de meter os outros no bolo... Vi ontem o que deu. Olha meu braço, ó!

OPERÁRIO 1 — Papagaiada foi querer enfrentar. Sair de comércio por aí! Bela droga, não resolveu porcaria nenhuma!

JOFRE — Pois é, viram o que deu. E vamos ficar parados?

OPERÁRIO 3 — Fazê o que, acabá com a polícia?

JOFRE — Eles dissolvem uma passeata, a gente responde com outra!

OPERÁRIO 3 — Se eu gostasse de tiro era soldado. Tenho família!

JOFRE — Por isso mesmo!

OPERÁRIO 1 — Imaginô? Com que cara que eu chego pra minha mulher, com que cara?

JOFRE — Ela vai compreender...

OPERÁRIO 1 — Ela compreende é dinheiro pra venda, isso ela compreende. E está com a razão, já passou necessidade de mais. Vim de pau-de-arara pra cá. Com meu esforço aprendi profissão... com que cara que eu chego sem emprego...

OPERÁRIO 4 — Com medo de mulher, companheiro?

OPERÁRIO 1 — Ah, meu velho, que quando a patroa bronqueia o negócio é feio que eu vou te contá. Só bêbado ela não mexe. Tem receio. Pois é bebo, bebo que eu vou chegá!

JOFRE — Mas que é isso, minha gente! Essa não é atitude de homem!...

OPERÁRIO 1 — Ah, velho, sou franco em dizê. Tocou no sustento acaba a valentia.

OPERÁRIO 2 (*Saindo da fábrica*) — Não adiantou nada, esses filhos da mãe. Cheguei a me rebaixá, a implorá! Compressão de despesas, disseram...

OPERÁRIO 1 — Pois é, vão comprimi logo eu!

JOFRE — Já demitiram quase toda uma seção. Vamo tomá uma providência!...

OPERÁRIO 2 — Você não vai tomá providência nenhuma que teu nome está na lista também. Eles tão mostrando. Diz que despede porque não pode pagá... Melhó procurá emprego, Jofre!

OPERÁRIO 4 — Esse já tá empregado na política!

JOFRE — Política! Política me dá é dor de cabeça. Vocês são mais duro do que mula empacada. É por isso que fazem de nós gato e sapato. Nunca vi tanta gente com tanto medo junto. Vão, vão lá! Lambe o sapato da gerência, pede perdão, seus trouxa!... O Agileu está aí se estourando e vocês...

OPERÁRIO 1 — Esse Agileu também vou te contar, viu! Ele tem é presença... adiantou muito ficar berrando lá — "Avança! Não recua!" — Foi o primeiro a entrá bem!

HOMEM 1 — Eu falei, tinha avisado. Tudo começou quando desrespeitaram o morto, e a coisa não acabou. Vem mais ainda...

HOMEM 2 — Bobagem nossa foi acreditá nesses cara... Vamo deixá pro Sindicato resolvê. Lá tem advogado e tudo o mais.

HOMEM 3 — Pobre da moça! Já não bastava duas mortes!

JOFRE — Pois é, isso não revolta, não dá vontade de quebrá?

CIPRIANO (*Entra agitado*) — Jofre!... Jofre!... Vem cá! O Agileu!... Agileu traiu!

JOFRE — Deixa de bobagem!

CIPRIANO — Informação do Comitê Central!

HOMEM 1 — Que é que tem Agileu?

CIPRIANO — Não se mete aqui não!

OPERÁRIO 2 — Vocês ouviram?! O valente, o Agileu. Traiu os companheiros dele!

OPERÁRIO 1 — Como é que é?

CIPRIANO — Não diz bobagem, rapaz!

HOMEM 1 — Eu ouvi você falá, não adianta escondê!

JOFRE — Calma, companheiro!

OPERÁRIO 1 — Traiu, n'ê?! O João-Sabe-Tudo, Deus-Nosso-Senhor, Líder-das-Massas, traiu, n'ê?

JOFRE — Que é isso?! Não vem alarmando assim que não tem razão!

OPERÁRIO 1 (*Saindo*) — Já encheu, viu! Já encheu!

CIPRIANO — Saiu uma nota no jornal que é batata! Eles não dizem o nome, mas dão toda a ficha!

JOFRE — Eu não acredito!

CIPRIANO — Bem que eu estranhei dele ser solto sem mais aquela!

JOFRE — Pode ser golpe!

CIPRIANO — O Comitê Central não se engana. E onde eles iam descobrí o nome dos companheiros que prenderam? Hora e lugar de ponto, tudo direitinho?

JOFRE — Que porcaria!

*Aproximam-se três policiais. Entram na fábrica.*

OPERÁRIO 3 — Manjaram os tipo?

OPERÁRIO 1 — Melhó a gente entrá... Que papelão! Não se pode acreditá nem mais na mãe da gente! (*Entram.*)

CIPRIANO — Que será que eles tão fazendo aí?

JOFRE — A direção que chamou...

CIPRIANO — Sei não.

*Os policiais saem e ficam parados no portão.*

HOMEM 1 — Eu falei... Eu tinha avisado!... (*Entra.*)

POLICIAL 1 — Jofre Santiago?

JOFRE — Pois não!

POLICIAL 1 — Você é Cipriano Lemos, não é?

CIPRIANO — Sô, por quê?

POLICIAL 1 — Estão presos. Polícia política! Vamos pro carro!

JOFRE (*A Cipriano num sussurro*) — Batata!

CIPRIANO — É!

HOMEM 3 — Não leva eles não, moço! São boa gente!

POLICIAL 1 — Vamo circulá!... Vamo circulá!

HOMEM 3 — Pode deixá, viu, companheiros! Nós tamo com vocês!

POLICIAL 1 — Vamo circular, já avisei!

OPERÁRIO 2 (*Da porta da fábrica*) — Vocês sabem é atirá no povo!

HOMEM 3 — Espera a virada, seu moço!... Espera a virada!

*Jofre e Cipriano saem conduzidos pelos policiais, enquanto que os operários que se concentram na porta irrompem numa vaia de besouro. Escurece. Na obscuridade ouvem-se as vozes.*

VOZ DE HOMEM — Gente! Gente! O Agileu traiu!

VOZ DE HOMEM — Como é que é?

VOZ DE HOMEM — D. Antônia, o Agileu traiu!

VOZ DE MULHER — Cuida do feijão, Jovina, que tem novidade!

VOZ DE MULHER — Corre lá.

VOZ DE HOMEM — Zefa, o Agileu traiu!

VOZ DE MULHER — Vai pra dentro, menino!

VOZ DE HOMEM — Gervásio, o Agileu traiu!

VOZ DE HOMEM — Pau nele, mata esse cachorro!

VOZ DE MULHER — Antero, o Agileu traiu!

VOZ DE HOMEM — Vamo mostrá pra esse porco, vamo mostrá!

VOZ DE MULHER — Júlio, o Agileu traiu!

VOZ DE MULHER — Quem, quem traiu?

VOZ DE HOMEM — O Agileu! Agileu Carraro!

VOZ DE MULHER — Ah, meu Deus, que pecado! Tão lindo!

VOZES MISTAS — Agileu traiu.

— Bem dizia.

— Cachorro!

— Eu falei!

— Orgulhoso!

— Agileu traiu!

— Com aquela arrogância.

— Agileu traiu!

— Traiu!

— Agileu traiu!...

## CENA VII

*Rua próxima à casa de Rosa. Surge um grupo de operários.*

OPERÁRIO 1 — Deve tá por aqui!

OPERÁRIO 2 — Tá na casa dele!

OPERÁRIO 1 — Vi o João vindo pra cá. Se o garoto foi embora é porque ele saiu.

HOMEM 3 — Eu acho bobagem isso. Não adianta nada.

OPERÁRIO 1 — Não adianta, uma pinóia! Traidor merece pau! Prenderam mais de trinta por causa daquele safado! Vi o Jofre e o Cipriano irem em cana, na minha cara! Isso é fazê a gente de besta!

OPERÁRIO 3 — Deixa de conversa. Vamo procurá ele!

OPERÁRIO 4 — Você tá nervoso demais, companheiro... Cuidado pra não machucá ele muito!

OPERÁRIO 1 — Que o que! Quebrá a cara a valê!

HOMEM 2 — Cara safado, vamo lá!

HOMEM 3 — Cabeça fria, gente!

OPERÁRIO 1 — Se é pra enchê, por que veio?

OPERÁRIO 2 — Vam'bora!

*Decididos os operários se afastam. Depois de alguns instantes, João surge ao fundo.*

JOÃO — Agileu Carraro! Agileu Carraro! Agil...

*Entra Agileu.*

AGILEU — Hum, é você! Como uma sombra. Há mais de trinta horas que você me segue. Por que não usa essa firmeza em coisa mais útil?

JOÃO — Agileu Carraro!

AGILEU — Eu sim! O que você quer fazer, hein? Estou aqui, faz! Puxa da faca e mata! Do que adianta se entregá desse jeito? Faz alguma coisa!...

JOÃO — Saiu em quase todos os jornais!...

AGILEU — Mas sem grande destaque. Sem destaque... Não interessa que se saiba, menino. Homens e mulheres morrendo na rua em todo o mundo!

JOÃO — Agileu, você sabe tudo... Responde a ela: por quê?

AGILEU — Vai pra casa, João. Fica lá um dia, dois... Acalma a dor, prometo...

JOÃO — Por quê?

AGILEU — Tudo desaparece de repente! A gente crê... A gente faz!... E é tão pouco o que eu quero!... Ah, mundo besta! Vamos lá João. Vamos desabafá gritando: mundo porco!... Mundo porco!

JOÃO — Eu tenho de acordar... Tenho de acordar!

OPERÁRIO 1 (*De fora*) — Estão lá!

JOÃO — Quem estão lá?! Polícia de novo? Eu não falei?! Corre gente, corre!

HOMEM 3 (*De fora*) — Dá o fora, Agileu. Tão querendo te pegá!

JOÃO — Corre gente, corre que tão querendo pegá!

OPERÁRIO 1 (*Surgindo*) — Está aí, n'é, filho da mãe, traidô porco! Vem pra cá, vem se defendê!

AGILEU — O que é que vocês querem?

OPERÁRIO 1 — Acabá com tua safadeza, nojento; sabe-tudo, filho da mãe! Vem pra cá, vem! Foram trinta por tua causa, descarado; trinta!

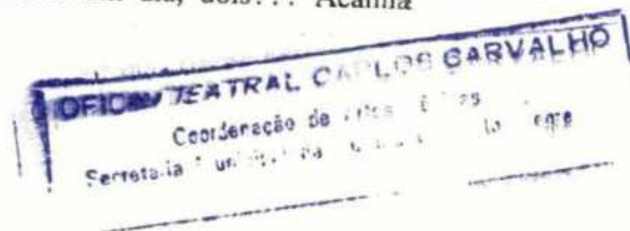
AGILEU — Quem disse que eu traí?

OPERÁRIO 1 — Vem de bonzinho, agora! Cadê, cadê a arrogância? Chama agora os outros de infeliz, chama!

AGILEU — Estou admirando a valentia de vocês. Gostaria de ver assim na passeata, na fábrica... Vem então!

OPERÁRIO 2 — Chega de conversa. Taça a mão!

*Entre exclamações os homens se atiram sobre Agileu. O Homem 3 procura evitar o massacre. Na frente, João gesticula.*



JOÃO — Bem!... “Queremos pão, feijão com arroz! Queremos pão, feijão com arroz!” (*Avança, ninguém recua.*) Agileu morreu! Agileu morreu!

HOMEM 3 — Chega de berro que pode vir gente!

JOÃO — Queremos pão, feijão com arroz!

OPERÁRIO 4 — Pára, você mata ele. Pára!

OPERÁRIO 1 — Cachorro! Tudo preso, sem emprego, por causa desse porco!

OPERÁRIO 3 — Vamo saí daqui!

JOÃO — Avança!... Não recua!

OPERÁRIO 1 — Faz esse coitado calá a boca!

HOMEM 3 — Deixa pra lá, vam'bora. Pode vir gente!

OPERÁRIO 1 — Aprendeu, porqueira!?

OPERÁRIO 2 — Tá que nem se mexe. Me dá agonia. Vam'bora!

JOÃO — Queremos pão, feijão com arroz!

OPERÁRIO 3 — Psiu! Cala a boca!

JOÃO — Psiu! (*Olhando Agileu.*) Agileu morreu!

*Os operários saem apressados. João fica alguns instantes parado. Está confuso. Aproxima-se de Agileu.*

JOÃO — Agileu!... Agileu!

AGILEU (*Fitando João*) — Ah, João, que bateram forte. Gente dura!

JOÃO — Bateram, n'é!?

AGILEU — Bateram... Me dá um lenço.

JOÃO — O quê?

AGILEU — Um lenço, João.

JOÃO — Han?... Hum... lenço... (*Tira um lenço do bolso.*) Toma. Zune minha cabeça!

AGILEU — E a minha, então?!

JOÃO — Traiu... Traiu quem?

AGILEU — Nada, João, nada...

JOÃO — Ah! Você foi preso, não é? Alice morreu e... e você tinha sido preso...

AGILEU — Fui, João!

JOÃO — E então, traiu tudo!

AGILEU — Descansa. Não traí ninguém...

JOÃO — Mas Alice morreu!

AGILEU — Morreu. João, por favor, João, se acalma, agora. Procura pensar um pouco com clareza. Vê eu? Estou podre de pancada, devem ter me quebrado o nariz, mas penso.

JOÃO — Você não traiu?

AGILEU — Não, João.

JOÃO — Bom. Eu acho que matava. Agora, matava... Corre, chama eles. Diz que não traiu. Explica!

AGILEU — Pra quê? Melhor, João. Nessa altura, o Partido precisa de um traidor...

JOÃO — Você está agüentando, Agileu? Eu não posso mais!...

AGILEU — Calma, menino!... Você imaginou? Quando eu ia pensar? Quando eu ia pensar que aquela turma bronca da

fábrica... ia tomá as dores da gente... E você viu... Eles vieram com fúria, nunca vi fúria igual pra esmagá o traidor! Defenderam Jofre, defenderam Cipriano... Defenderam a gente... a gente, velho!

JOÃO — Como é que você pode ser assim?

AGILEU — Eles defenderam a gente!

JOÃO — Você é de ferro!

AGILEU — Ah! Ajuda aqui, João! Você já pode com você?

JOÃO — Acho que melhorei.

AGILEU — Dor dos outros melhora a gente. É um fato. Tchau, menino. Nada de dizer da nossa conversa. Um dia eles descobrem a verdade... E depois, não tenho tanta importância assim!...

JOÃO — Aonde você vai!

AGILEU — Por aí... O pior é a gente se acostumar a lidar com as pessoas e, de repente... ninguém. Isso é mau. Entristece... Ah, eu tenho errado muito, menino, muito!... Tchau! Alice daqui uns tempos vai ser uma lembrança tão chegada e tão gostosa, que vai te dar forças pra agüentar... tudo. Que nem Rosa pra mim. Rosa que nunca foi... ah! (*Sai, passos trôpegos.*)

JOÃO — Agileu... Pra onde é que você vai? (*Segue, com o olhar, a Agileu que se afasta. Pega os recortes de jornal, rasgando-os lentamente, enquanto sai.*)

*Escurecc.*

### CENA VIII

*Casa de Agileu — Rosa está passando roupa. Abre-se a porta e surge Agileu.*

ROSA — É você, Justina?

138

AGILEU — Eu.

ROSA (*Assustando-se*) — Hein?... Agileu?

AGILEU — Pois é.

ROSA — Como é que você entrou. Não tinha polícia te esperando lá embaixo?

AGILEU — Me prenderam e já soltaram.

ROSA — Ainda bem...

AGILEU — Vou ficar aqui um pouco só, tenho muito pra fazer. Queria falar com você!

ROSA — Jofre é que mandou você vir?

AGILEU — Ele me contou a conversa que vocês tiveram. Compreendi tudo... Está tudo certo...

ROSA — Compreendeu o quê?

AGILEU — Que você não disse nada daquilo... eles te enganaram.

ROSA — Puxa, até que enfim uma palavra de confiança! Fizeram assiná uma folha em branco. De besta, assinei!

AGILEU — De besta sim... Não tem importância, eles conseguiram coisa pior.

ROSA — O que foi?

AGILEU — Conseguiram me fazer passar por traidor... Prenderam mais de trinta companheiros... Jofre e Cipriano também... Na fábrica, estão certos de que fui eu que delatei...

ROSA — Você delatou?

AGILEU — O que é que você acha?

139

ROSA — Machucaram você?...

AGILEU — Inocente!... Não disse nada, eu!... Mas alguém deve ter falado. Eles sabem todos os nomes. Me soltaram e... e o resultado é esse. Todos pensam que fui eu... Sabe, o pessoal da fábrica me atirou lixo e pedras... um até me cuspiu!

ROSA — E o que você vai fazer?

AGILEU — Não sei... O dinheiro que te deram, chega?

ROSA — Tá servindo...

AGILEU — Não tenho mais um tostão...

ROSA — Sobrou alguma coisa. Eu te dou...

AGILEU — Não, não... não é por isso... É que eu queria deixar mais com você!

ROSA — Você não vai ficá aqui, então?

AGILEU — Preciso trabalhar muito!

ROSA — Fazer o quê?

AGILEU — Sei lá... Desfazer essa intriga, ver se consigo uma ajuda de custa com o pessoal, arrumar outro emprego... não sei!

ROSA — Mas se eles pensam que você é traidor?

AGILEU — É uma intriga, se desfaz!

ROSA — Você parece que nem conhece eles. Tachou de traidor, tá tachado. Vê comigo? Não fui sempre a mulher má, pequeno-burguesa que te desviava das tarefas? Não era. Mas ninguém conseguiu desfazer essa intriga...

AGILEU — Tinha seu fundo de verdade!

ROSA — Ah, tinha, não é? Besta que eu sou de pensar que você tinha amaciado! Não, meu velho bobo, olho na Lua, você agora é policial — que nem o Ribeiro que eu bem me lembro quando você escorraçou ele daqui a pontapés! E me lembro bem do olhar dele, daquele jeito de “não é verdade. Me ajuda, pelo amor de Deus!” O mesmo vai ser com você!

AGILEU — Ribeiro era policial e traidor!

ROSA — E você agora pra todos os efeitos vai ser também! Não adianta de nada querer mostrar, ninguém acredita! Vinte anos de luta, Agileu. Vinte anos jogados fora! É essa a recompensa. Taí! Taí o que tua mulher burra sempre dizia!

AGILEU — Séculos de luta, mulher! Séculos de luta que ninguém desfaz! E Agileu, mesmo massacrado, contribuiu. E muito! Vinte anos de luta não se perdem, não se perdem!

ROSA — Agileu, meu querido, você está vendo a realidade qual é... Você vive num mundo diferente. Volta pra esse, pra mim! Vamo cuidá de nossa vida, Agileu, tá em tempo. Temos tempo ainda. Não enfeiei de todo...

AGILEU — Mas pára de choramingá!... Vim saber do que você precisa pra providenciar!

ROSA — De você eu preciso! De uma casa normal eu preciso! De vivê que nem todo mundo eu preciso!...

AGILEU — Todo mundo não vive assim...

ROSA — Deixa de bancar Cristo, velho idiota! Aproveita teus dias que estão acabando. Só desilusão vai te ficá! E quando eu tiver sumido, ninguém mais te olha! Policial você é, pra eles, pra teus amigos! Você não tem mais ninguém, Agileu. Cuida de tua mulher!

AGILEU — E que sabe você disso tudo? Que é que essa tua cabeça já pensou de mais sério? O que é? O que é que você desejou até hoje que não fosse o seu confortozinho pessoal, bela roupa, e um bom homem na cama?!

ROSA — Mas quem é você pra julgá? Deus Todo-Poderoso?

AGILEU — Que sangue tem você? Vinte anos grudada em mim como parasita e nem um instante compreender porque se luta — tem gente que morre de fome, tem gente que morre de frio, tem crianças à beça de olho grande de não compreender nada!... E você nem sente que há coisas que a gente precisa esmagar com a nossa vontade, com nossa vida toda! Ah, que você é surda pra tudo isso!

ROSA — E quem disse que eu não entendo? Entendo isso sim e penso, e rezo embora você não goste... Mas o que é que a gente pode fazer? Não adianta nada, seu louco, não adianta! Pra que se virá contra mim, largá sua raiva desse jeito pra me batê? O que é que você pode fazer? Tá aí a prova, Agileu. Você — o homem que mais se entregou, tudo pros outros — t'áí, desprezado, largado, levando pedra e cuspe pela cara... E vem dizer que eu é que sou parasita? Pois eu...

AGILEU — Chega!...

ROSA — ... é que fiquei e que te agüento!

AGILEU — Pára aí, Rosa, estou te pedindo!

ROSA — Sou tua coisa, não é? Não sou gente, eu — sou tua coisa!

AGILEU — Ai, que fui besta em vir...

ROSA — O que é que você pode fazer pelos outros, se tua mulher vive desse jeito, o que é?

AGILEU — Não é caso de um, é caso de todos. Isso você...

ROSA — Egoísmo, convencimento teu!

AGILEU — ... não compreende... Cala a boca!

ROSA — Pra se sentí importante, é o que é!

AGILEU — Cama quente você quer. Histeria você tem!...

ROSA — Vinte anos de ódio entre a gente e você com toda essa sua bondade atijando mais e mais!... Por que não me largou?

AGILEU — Sou responsável. Responsável por você!

ROSA — Um membro do Partido precisa ter mulher, não é?

AGILEU — Pra evitá tua desgraça!

ROSA — Precisa salvar as aparências. Ter casa, comida na hora, lugá pra reuní, e a porca que se dane, pensando em um bom homem pra cama, não é?

AGILEU — Tá falando como uma vagabunda!

ROSA — É o que eu gostaria de ser, pelo menos tinha...

AGILEU (*Esbofeteia-a*) — Cala essa boca! (*Pausa.*)

ROSA — Você é infeliz, meu velho. Muito infeliz...

AGILEU — Essa tua mentalidade me faz perder a cabeça!...

ROSA — É, a gente não se entende, nunca se entendeu. Besteira tentá de novo...

AGILEU — Vá, vá. Você fala como se tivesse a vida mais horrível desse mundo! Mas afinal, o que é que te falta?

ROSA (*Depois de uma hesitação*) — Sabe, o que eu preciso mesmo é de uma criança. Um filho teu, que nascesse com essa tua força.

AGILEU — E lá vem você de novo com isso. Já expliquei um milhão de vezes. Não quero. Não posso ser pai de ninguém. Minha vida não permite.

ROSA — Eu sei, você já disse um milhão de vez. Era pra mim, sabe... Um garoto pra mim... Por que eu não vou ter o direito de ser mãe?



AGILEU — Agüentamos até aqui, assim a gente continua. Ainda mais agora!

ROSA — Agileu, é um pedido... pedido... Estou resolvida, eu vou embora. Não fico mais com você, mas vamos tentá — quem sabe Deus ajuda. Vamo ter uma criança. Agileu, enquanto eu posso ainda... Uma criança, Agileu...

AGILEU — Tá louca, você...

ROSA — Não precisa ter medo, eu cuido dele. Você não precisa nem se preocupar. Faz até de conta que você não sabe... Você só vai vê ele de vez em quando... Eu juro que tomo conta...

AGILEU — Mas isso é imoral... Você pensa que eu sou o quê?

ROSA — Imoral é eu morrer sozinha... Quero um filho. Um filho meu, teu!...

AGILEU — Por favor, Rosa!

ROSA — Agileu, vou embora hoje. Fico com alguma conhecida e depois me arranjo... Consigo trabalho pra vivê... Estou te pedindo, Agileu!

AGILEU — Mas olha em que situação você me coloca!

ROSA — Pensa uma vez em mim. Olha a situação em que você me deixou... Não tenho nada, eu. Você é frio, de gelo!

AGILEU — Mas pára com essa lenda! Sou de fogo! Sou de fogo!... A gente não pode se deixar levar, a gente tem de agir de cabeça fria! Há uma realidade e não se pode fugir dela!

ROSA — Agileu, único pedido que te faço!

AGILEU — Jeito imbecil de querer felicidade!

ROSA — Você não pode me negá, não tem o direito!

AGILEU — Rosa, deixa de sentimentalismo estúpido. Pra que te serve uma criança? Sozinhos já lutamos com dificuldade... Sou eu quem digo, deixa de pensá em você, pensa na criança!

ROSA — Problema meu...

AGILEU — Essa discussão é ridícula!

ROSA — É de dá vergonha. Chegamo nesse ponto...

AGILEU — Chega!

ROSA — Agileu, pelos anos que se passaram. Pra que fique alguma coisa de bom...

AGILEU — Pois é mesmo. Nada ficou de bom...

ROSA — Não por minha culpa. Eu juro que não por minha!

AGILEU — Minha, está bem!

ROSA — De ninguém. Dessa vida podre!... Me dá uma criança!

AGILEU — Adota uma, eu não sou animal!

ROSA — Mas é tua que eu quero. Do meu Agileu, que nunca foi meu, nem mesmo no princípio... Ah, quanta coisa a gente pensa, quanto sonho a gente faz. Tudo acaba em nada. Nisso que tá aqui. Eu implorando a você... uma criança!...

AGILEU — Estou cansado dessa loucura!

ROSA — Agileu!

AGILEU — Chega! Não precisa se preocupar. Eu era responsável por você... Agora não sou mais. Você decidiu. Não precisa nem se dar ao trabalho de sair daqui. Eu vou primeiro. E quanto à criança, há muitos homens sadios, honestos e de aço... quem sabe algum... Você ainda pode ter a vida que queria, é moça ainda e... e bonita. Amei, Rosa. Do meu jeito. Agora tenta o teu.

ROSA — É isso, então?

AGILEU — Melhor pros dois!

ROSA — Nunca vou te perdoar!

AGILEU — É pena. Tentei tudo...

ROSA — Eles conseguiram. Agora, nem eu, nem eles.

AGILEU — Tenho ainda muito pra fazer!

ROSA — Nem quero pensar na tua solidão...

AGILEU — Somos dois bilhões e meio...

ROSA — O quê?

AGILEU — Nada.

ROSA — Qualquer coisa falo com Justina...

AGILEU — Bom.

ROSA — Elas ficaram do teu lado. Nem me olham mais. Viram o rosto, quando eu passo.

AGILEU — Não se preocupa. Eu explico pra todo mundo...

ROSA — Você, Agileu? Você não se convence? Tua palavra não vale mais nada...

ROSA — Me dá um abraço.

AGILEU — Não, é melhor não...

ROSA — Um abraço...

*Agileu estende os braços. Abraçam-se. Agileu começa a soluçar baixinho.*

ROSA — Agileu, estamos em tempo ainda.

AGILEU — Eu disse que era melhor não! (*Sai furioso, quase correndo.*)

ROSA — Vai... (*Lentamente vai até a mesa e, desolada, senta-se. Inteiramente só.*)

*Escurece.*

## CENA IX

*Depósito de lixo.*

VELHA — Agenor, me arruma um pito.

ANTÔNIO — Toma. Meu nome é Antônio!

VELHA — Ocê tem cara de Agenor, igualzinho a ele...

*Surge Agileu ao fundo.*

ANTÔNIO — Meu nome é Antônio.

MENDIGO — Olha lá, aquele coitado. Chi! Tá todo quebrado!

VELHA — Chega pra cá, companheiro... Vem.

AGILEU — Bom-dia.

ANTÔNIO — Que foi isso?

AGILEU — Um mal-entendido.

VELHA — Precisa passá uma água. Tem lá no rio.

AGILEU — Pode deixá!

MENDIGO — Você andou por aqui faz uns dias, não é?

AGILEU — Faz.

MENDIGO — Tou lembrado... Tava mais bem disposto.

AGILEU — Com a mesma dor de cabeça!

MANOLO (*Correndo*) — Moço, moço! E o meu avião?

AGILEU — Eu disse — um dia. Um dia, general. Breve.

VELHA — Precisa cuidá das feridas, se não arruina...

AGILEU — Não é nada, não. Agenor me dá um cigarro pra acalmá a fome...

ANTÔNIO — Meu nome é Antônio!

MANOLO — Vem, vem comigo... Tem uma melancia inteirinha lá embaixo...

MOLEQUE 1 (*Que está ao fundo em um grupo*) — Num vem se metê aqui não.

MANOLO — Dá pra todo mundo!

MOLEQUE 1 — Não vem não, que eu mando pedra!

VELHA — Esses meninos são tão malcriados...

AGILEU — Deixa, general...

MANOLO — Esganação deles. Dá e sobra...

MENDIGO — Até que o solzinho tá morno que é uma beleza!

AGILEU (*Repentinamente cruza os braços atrás da nuca, em desespero*) — Não, não, minha gente! Tenham paciência, mas temos muito que conversar! Então, não está vendo, infeliz, que esse solzinho não é gostoso coisa nenhuma? (*Ouve-se o coro dos operários, em crescendo, no refrão: "Queremos pão, feijão com arroz".*) Do que adianta ficá aqui sem se mexê, catando comida. Pois chega de resignação. Há tanta coisa que pode ser feita. Vocês desistiram de viver? Há tanta coisa, gente, mas tanta, que pode ser feita. Temos dois braços e uma cabeça e somos os donos do mundo. Será justo ficar aqui esperando o sol, enquanto há tanto para criar?!

Chega disso! Vamos sacudir a desgraça, que ela não existe. Existe é coisa injusta... E acabou doença, desânimo e tudo o mais. Vida nova, um mundo novo que o homem pode fazer...

*As palavras de Agileu são encobertas por apitos de fábricas que formam um acorde vibrante, sonoro. Agileu continua gesticulando para os mendigos que o rodeiam, enquanto o pano se fecha lentamente.*

FIM